

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM *LITERATURA, PÃO E POESIA*, DE SÉRGIO VAZ

Daniela Cristina da SILVA
Gislaine S. Fernandes BIAGI
Juliana F. Vieira CAMPOS
Maria Eloísa de Souza IVAN

Resumo: Sérgio Vaz é, reconhecidamente, um dos maiores representantes da Literatura Marginal do século XXI. Autor de várias obras, é também o autor de *Literatura, pão e poesia* (2011). Prefaciado por Heloisa Buarque de Hollanda, a obra é uma compilação de livros e artigos já publicados, organizados em forma de crônicas, cujos títulos nos remetem a assuntos comuns, do cotidiano. A ensaísta comenta que essa nova vertente, denominada como Literatura Marginal ou Periférica, veio com “força e garra” na virada do milênio, contudo, enfrenta, desde sua origem até os dias atuais, o desafio de ser reconhecida ou não como arte literária, embora venha ganhando espaço em meio à sociedade acadêmica, sendo ovacionada por alguns críticos, e, por outros, fortemente criticada. Diante do exposto, dizemos que *Literatura, pão e poesia* (2011), de Sérgio Vaz, é a obra escolhida para compor o *corpus* de nosso trabalho de conclusão de curso, o TCC. A problematização apresentada pela pesquisa destaca em que medida a produção literária de Vaz, mais especificamente a obra acima referenciada, atua como instrumento ideológico que (re)significa o imaginário coletivo e reconstrói identidades pessoais e coletivas, concedendo voz e oferecendo visibilidade ao sujeito periférico que, até há pouco tempo, estivera em condição de invisibilidade. Assim, o objetivo desta pesquisa é verificar, por meio de uma leitura interpretativa, os mecanismos discursivos utilizados por Vaz na obra *Literatura, pão e poesia* (2011), que se apresentam não apenas como instrumento ideológico, mas também como texto literário de representação desta nova vertente do século XXI. A fim de alcançar o objetivo proposto, adotamos, como procedimento metodológico, uma pesquisa de abordagem bibliográfica, que nos possibilita uma melhor compreensão do discurso de Vaz e de seu contexto de produção, bem como da obra. A fundamentação teórica da pesquisa parte da leitura de textos teóricos e ensaísticos de autores como Antonio Candido (1965, 1972, 2000 e 2004), para falar da Literatura e o social; no que se refere à conceituação e contextualização da Literatura Marginal, bem como de conceitos oriundos da cultura popular, serão utilizadas as reflexões de Érica Peçanha do Nascimento (2006 e 2009); Elizângela Maria dos Santos (2010); Waldilene S. Miranda (2011) e Heloisa Buarque de Hollanda (2015). Para falar do autor e sua obra utilizamos as considerações feitas por Valéria Rosito (2012); Terena Thomassim Guimarães (2014) entre outros.

Palavras-chave: Literatura Marginal. Sérgio Vaz. *Literatura, pão e poesia*. Crônica.

Abstract: Sérgio Vaz is, recognized as, one of the greatest representatives of the Marginal Literature of the 21st century. Author of several works, he is also the author of *Literatura, pão e poesia* (2011). Preface by Heloisa Buarque de Hollanda, the work is a compilation of books and articles already published, organized in the form of chronicles, whose titles refer us to common subjects, everyday life. The essayist comments that this new strand, called Marginal or Peripheral Literature, came with "strength and claw" at the turn of the millennium, however, it faces, from its origin to the present day, the challenge of being recognized or not as literary art, although it has been gaining ground in the middle of academic society, being hailed by some critics, and by others, strongly criticized. In view of the above, we say that Sérgio Vaz's *Literatura, pão e poesia* (2011) is the work chosen to compose the corpus of our course completion work, the TCC. The problematization presented by the research highlights the extent to which the literary production of Vaz, more specifically the work referred to above, acts as an ideological instrument that (re) means the collective imaginary and reconstructs personal and collective identities, giving voice and offering visibility to the peripheral subject that, until recently, had been in the condition of invisibility. Thus, the objective of this research is to verify, through an interpretative reading, the discursive mechanisms used by Vaz in the work *Literatura, pão e poesia* (2011), which present themselves not only as an ideological instrument, but also as a literary text representing this new strand of the 21st century. In order to reach the proposed objective, we adopted, as a methodological procedure, a bibliographical approach research, which allows us to better understand the discourse of Vaz and its context of production, as well as the work. The theoretical basis of the research is based on the reading of theoretical and essay texts by authors such as Antonio Candido (1965, 1972, 2000 and 2004), to talk about literature and social issues; the reflections of Érica Peçanha do Nascimento (2006 and 2009) will be used in the conceptualization and contextualization of Marginal Literature, as well as of concepts derived from popular culture; Elizângela Maria dos Santos (2010); Waldilene S. Miranda (2011) and Heloisa Buarque de Hollanda (2015). To talk about the author and his work we used the considerations made by Valéria Rosito (2012); Terena Thomassim Guimarães (2014) among others.

Keywords: Marginal Literature. Sérgio Vaz. *Literatura, pão e poesia*. Chronic.

1 Introdução

O interesse em trabalhar com a Literatura Marginal do século XXI e seus autores surgiu no primeiro semestre do Curso de Letras, quando definimos o tema para a elaboração daquele projeto de pesquisa; feito e apresentado em um primeiro estudo dessa vertente, acerca da obra de Ferréz, *Capão pecado* (2000), nos sentimos motivadas a continuar a nossa pesquisa nesta tão recente



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

representação literária, pois, conforme Heloisa Buarque de Hollanda (2011), essa nova vertente, denominada como Literatura Marginal ou periférica, veio com “força e garra” na virada do milênio; contudo, enfrenta desde sua origem até os dias atuais, o desafio de ser reconhecida ou não como arte literária, embora venha ganhando espaço em meio à sociedade acadêmica, sendo ovacionada por alguns críticos e, por outros, fortemente criticada.

Quando nossa professora orientadora, Maria Eloísa, nos apresentou a Literatura Marginal do século XXI, logo nos apaixonamos pelos temas abordados por essa vertente literária, e por dois notáveis autores, Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz, que, como já dito, foi estudado e apresentado em nosso artigo do quarto semestre, e Sérgio Vaz, escolhido, agora, para compor o *corpus* desta pesquisa, com a obra *Literatura, pão e poesia* (2011).

Hollanda (2011) destaca que a obra acima referenciada, trata-se de uma compilação de outros trabalhos já publicados, mas organizados aqui em forma de crônicas. Na obra, Vaz faz relatos de histórias, memórias, críticas baseadas na realidade de moradores da periferia, em sua grande maioria de Taboão da Serra, local em que o autor ainda reside. Sérgio Vaz também cita autores consagrados no âmbito literário nacional e internacional, como Machado de Assis e Pablo Neruda entre outros (GUIMARÃES, 2014, p. 295); porém, na obra não encontramos apenas autores consagrados da literatura nacional, ou universal, encontramos também autores e obras consagradas, ou não, na Literatura Marginal, como o autor Alessandro Buzo e sua obra *O trem* (2006), Ademiro Alves, o Sacolinha, e a obra *85 letras e um disparo* (2007), Ferréz e a obra *Capão Pecado* (2000), e outros.

A obra *Literatura, pão e poesia* (2011) é composta por uma linguagem simples, muitas vezes informal, pois reflete a origem de seus personagens, mas o autor também se utiliza da palavra poética e plurissignificativa, recorrendo a recursos poéticos como a metáfora, a ironia e outras figuras de linguagem que compõem a plurissignificação da linguagem literária.

Assim como essa vertente literária enfrenta dificuldades para ser reconhecida como Literatura, seus autores também enfrentam igual situação e se utilizam de meios próprios de divulgação, organizando saraus em suas

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ

comunidades, proferindo palestras em escolas públicas, ou se utilizando também de mídias sociais como *facebook*, *blogs* e *sites* para, dessa forma, alcançarem um público maior e incentivarem crianças e moradores da periferia a buscarem cultura.

A fim de compreendermos melhor o conceito de Literatura Marginal foi feito um sintetizado estudo pela história da Literatura Brasileira. E, de acordo com Nascimento (2006), registra-se o surgimento, no Brasil, na década de 70, de um movimento sociocultural denominado por “Poesia Marginal” ou “Geração Mimeógrafo”, que atingiu diversas áreas da arte, música, cinema, teatro, artes plásticas e, principalmente, a literatura, mudando, assim, a produção cultural do país na época. Porém, o objetivo daquele movimento formado por autores de classe média alta era lutar contra as ideias rigorosas impostas pela ditadura militar vigente na época, e ganhou o nome de “Geração Mimeógrafo”, porque seus autores, apesar de pertencerem à classe média alta, não dispunham de meios para publicarem seus trabalhos e a solução que encontraram era mimeografar suas obras e distribuírem nas portas de eventos como, teatros, museus, cinemas e até mesmo em bares.

Portanto, logo entendemos que o movimento organizado na década de 70, nada tem a ver com o movimento do século XXI organizado por autores oriundos das periferias, pois o objetivo desses é dar voz àqueles que, praticamente, não são escutados, e mostrarem que, mesmo desprovidos dos meios culturais da elite, eles sabem representar sua cultura, que é tão rica e interessante como qualquer outra.

Visto que o gênero denominado por Literatura Marginal é ainda muito novo, pois suas primeiras obras foram publicadas no final dos anos 80, pode-se afirmar que há muito o que se estudar e discutir sobre seu caráter literário e sua afirmação como arte literária, poética e plurissignificativa, bem como seu caráter social e político; nesse sentido, essa pesquisa mostra-se relevante ao abordar um tema ainda pouco estudado e menos ainda dentro do contexto da graduação. A Literatura Marginal do século XXI destaca sua relevância e sua contribuição no cenário literário nacional, bem como colabora para a queda do mito de que apenas as artes canônicas são literárias.

Após a seleção da obra e tendo definido o objetivo, pode-se afirmar que esta pesquisa busca possíveis respostas às seguintes indagações: Como se



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

constitui o discurso literário apresentado pela Literatura Marginal dos autores da periferia do século XXI? Quais são os autores e obras mais representativos da Literatura Marginal dos autores da periferia, do século XXI, e em que medida ela se consolida como arte? Quais os mecanismos de construção discursiva de Sérgio Vaz, principalmente, aqueles materializados na obra *Literatura, pão e poesia* (2011)? Quais os efeitos de sentido revelados por esses mecanismos discursivos utilizados por Vaz nesta obra escolhida como *corpus* de nossa pesquisa?

Estruturalmente, nossa pesquisa se organiza em três capítulos: no primeiro é realizado um breve percurso histórico acerca da Literatura Marginal no contexto da Literatura Brasileira. No segundo, apresenta-se a contextualização do autor Sérgio Vaz no âmbito da Literatura Marginal brasileira, bem como a leitura analítica da obra que compõe o *corpus* de nossa pesquisa. O terceiro capítulo contempla três crônicas que compõem a obra, identificando os efeitos de sentido criados pelo discurso de Vaz na obra em questão.

Em relação à metodologia, a abordagem desta pesquisa é teórica e encontra-se na área da Literatura Brasileira, cuja vertente é denominada Literatura Marginal dos autores da periferia do século XXI. O respaldo teórico provém de pesquisa bibliográfica e documental, tanto no que diz respeito à contextualização do autor e da obra, quanto dos efeitos de sentido revelados na construção discursiva desse texto.

A fundamentação teórica desta pesquisa parte da leitura de textos teóricos e ensaísticos de autores como Antonio Candido (1972, 2000 e 2004), para falar da Literatura e o social; no que se refere à conceituação e contextualização da Literatura Marginal, bem como dos escritores da periferia, serão utilizadas, sobretudo, as reflexões de Érica Peçanha do Nascimento (2006; 2009); Elizângela Maria dos Santos (2010); Waldilene Silva Miranda (2011) e Heloisa Buarque de Hollanda (2015). Para falar do autor e sua obra utilizaremos as considerações feitas por Valéria Rosito (2012) e Terena Thomassim Guimarães (2014), entre outros.

As obras “marginais” não são apenas de caráter cultural, mas também social, conhecer o universo dessa Literatura Marginal é mergulhar em um mar de conhecimentos que provém daqueles, teoricamente, mais desprovidos de cultura.

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM *LITERATURA, PÃO E POESIA*, DE SÉRGIO VAZ

Revelar essa cultura ao meio acadêmico é, para nós, um dever. Permita-se conhecer a vertente literária que de acordo com Sérgio Vaz (2011), ora é escrita com lágrimas nos olhos, ora com pedras nas mãos.

2 Literatura: a arte da palavra como direito de todos

Em seus estudos, Candido (2000) nos apresenta que, desde que o homem começou a estudar a arte por ele produzida, a questão sobre concepção e função da literatura tem sido assunto de muitas controvérsias durante o processo de sua evolução cultural. Sabe-se, pois, que, em cada época literária, são atribuídas à literatura natureza e funções distintas, condizentes com a realidade cultural e, portanto, social, da época.

Para Candido (2000), é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento dos fatores externos pode ser legítimo quando se trata da sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode se interessar por tudo que é condicionamento, ou seja, a palavra como arte para todos.

Candido (2000) afirma que é mais importante chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la, porém, o autor observa que essa prática pode se tornar também perigosa, porque pode ser entendida, injustamente, como erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de nenhuma forma. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século XIX chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos.

Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem (CANDIDO, 2000, p. 3).

Candido (2000) demonstra que para uma obra abalancar seu valor significativo, é importante que ela exiba ou não algum aspecto da realidade, portanto esse aspecto deveria ser o que ela tem de eficaz. Porém, chegou-se a outra conclusão, oposta à apresentada inicialmente por Candido (2000), na qual relata que



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

as matérias de uma obra são secundárias, que o significado vem das operações formais colocadas em evidência, culminando em um detalhe que a torna autônoma de quaisquer dependências, principalmente sociais, levando em consideração a não eficácia como meio de compreensão.

Evidenciando a necessidade da palavra como arte, Candido, em seu livro, *Direitos Humanos e Literatura* (1972), nos mostra alguns exemplos de obras de importância e relevância para o contexto social vigente da época. A maioria dos livros que Candido (1972) referencia se tornaram atemporais, pois a história narrada continua ainda muito presente na atualidade, e seus leitores ainda se identificam com o conteúdo dessas obras.

Deve-se ter em mente que a literatura é a representação do real, não tendo assim compromisso com a realidade, porém esta representação é condicionada de um estilo exclusivo, uma vez que o real não pode ser totalmente representado em um plano unidimensional por ter um caráter marcado, pluridimensional. O crítico e sociólogo Antonio Candido constrói o seu conceito de literatura na obra acima referenciada:

A arte, e, portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade... (CANDIDO et. al., 1972, p. 53).

Afirmamos, assim, que a literatura é verossímil, é criação, é imaginação, permitindo novas realidades, atribuindo às palavras uma verdadeira heteronímia das coisas. Essa heteronímia ganha mais significado quando reflete que essa linguagem é livre para impor novos significados às palavras. Ela joga com os signos em vez de diminuir a um determinado espaço.

Vitor Manuel de Aguiar e Silva (2006) reforça a afirmação ao dizer que os vocábulos exprimem a atividade intelectual e artística do homem, a obra literária compõe um determinado meio de mensagem verbal, mas a dificuldade reside em distinguir a linguagem literária de modo que haja entendimento para saber quando uma mensagem deve ser respeitada como uma manifestação da literatura, aberta de

qualquer julgamento valorativo, ou seja, saber se tal manifestação é apropriada ou inapropriada.

Tomando como referência a linguagem usual, o ato de fala, Vitor Manuel de Aguiar e Silva (2006) comenta que essa depende de uma circunstância extra verbal e de um momento efetivamente existentes e não podem ser anteriores e exteriores a esse mesmo ato de fala. Já na linguagem literária acontece o oposto, o argumento extra verbal e a situação é conveniente à própria linguagem. Quem lê não conhece o assunto antes de ter contato com o texto literário. A linguagem literária é autônoma semanticamente porque tem o poder para organizar e estruturar mundos inteiros.

A linguagem literária cria um mundo imaginário, entretanto, durante seu trajeto, durante a narração de uma história, ela vai se misturando com o mundo real, pois como Vitor Manuel de Aguiar e Silva (2006) explica o mundo real é a matriz primordial e mediata da obra literária, mas a linguagem literária não cita imediatamente esse mundo, ela estabelece efetivamente uma realidade própria.

A respeito da linguagem literária Aguiar e Silva (2006) a define como sendo plurissignificativa, pois nela o signo linguístico é portador de múltiplas dimensões semânticas, dessa forma tende para uma multivalência significativa, evitando o significado unívoco que é próprio das linguagens monossignificativas (discurso lógico, linguagem jurídica e etc). É importante destacar que o polissignificado literário se compõe sobre os valores literais e materiais dos signos linguísticos, ou seja, a linguagem literária conserva e transcende, simultaneamente, a literalidade das palavras.

Vitor Manuel de Aguiar e Silva (2006) explica que a obra literária é uma composição, um sistema de elementos integrados, e a palavra só adquire valor quando integrada nessa unidade estrutural. A linguagem literária, inversamente, é determinada pela rejeição proposital dos costumes linguísticos e pela exploração inabitual das virtualidades expressivas de uma língua. Metáforas, metonímias, onomatopéias, enfim, são alguns meios que o autor usa para transformar a linguagem verbal, a linguagem usual em linguagem literária.



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

Considerando Candido (1972) e Vitor Manuel de Aguiar e Silva (2006) entende-se que a palavra literária é um direito de todos e independe de classe social e/ou meio cultural, pois a palavra é plurissignificativa, e a linguagem literária não tem compromisso com o real, este serve apenas de pano de fundo para a literatura.

Existem vários gêneros quando o assunto é literatura, ou a arte da palavra, porém ainda hoje, os textos canônicos recebem maior destaque. Entretanto, um estilo que vem ganhando espaço é a Literatura Marginal, vertente nova na qual o foco é a voz da periferia brasileira, principalmente das metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.

Passamos a uma abordagem mais detalhada, evidenciando a Literatura Marginal no cenário da Literatura Brasileira.

2.1 A literatura marginal dentro do contexto da literatura brasileira

Para falar da Literatura Marginal do século XXI é preciso, antes, contextualizar o leitor sobre sua história; portanto, faz-se agora um breve percurso histórico dos poetas marginais da década de 70.

De acordo com os estudos de Nascimento (2006), registra-se o surgimento, no Brasil, na década de 70, de um movimento sócio-cultural denominado por “Poesia Marginal” ou “Geração Mimeógrafo”, que alcançou diversas áreas da arte, música, cinema, teatro, artes plásticas e, maiormente, a literatura, alterando, assim, a produção cultural do país na época.

Esse movimento foi nomeado por “Poesia Marginal” não por pertencer a uma classe social menos favorecida, mas pela forma como professores e jovens de classe média e alta (que formavam esse movimento) com amplo acesso à cultura letrada, mas sem dispor de meios econômicos para patrocinar uma “revolução” estética nos moldes modernistas, se manifestavam contra a ditadura militar.

Ainda segundo Nascimento (2006), a literatura produzida por esses poetas buscava subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto vigentes, desvinculando-se das produções tidas como “engajadas”, “intelectualizadas” ou “populistas”. Os textos eram marcados pelo tom irônico, pelo uso de linguagem

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

coloquial e de palavrões e versavam sobre sexo, tóxicos ou, ainda, acerca do cotidiano das classes privilegiadas. Os livros, produzidos nas cooperativas ligadas aos próprios grupos, tinham, intencionalmente, características gráficas precárias: eram impressos em papel de qualidade inferior e apresentavam borrões e falhas nas impressões.

Expressar-se contra a ditadura militar não era o único objetivo desses poetas; eles buscavam, também, uma forma de divulgar a arte e a cultura brasileira. O principal objetivo da “Geração Mimeógrafo” era a substituição dos meios tradicionais de circulação das obras. Rejane Pivetta de Oliveira (2011) comenta que o resultado disso é o surgimento de obras, sobretudo poéticas, produzidas artesanalmente, a partir de um registro espontâneo da linguagem, dando lugar à proliferação de “livrinhos” distribuídos diretamente pelo autor em bares, portas de museus, teatros e cinemas.

Dentro do contexto da “geração mimeógrafo” destacam-se os seguintes autores: Antônio Carlos Ferreira de Brito, conhecido como Cacaso (1944-1987), foi um dos maiores representantes da Poesia Marginal, sendo uma das vozes que colaborou com o grito de liberdade, o qual o país almejava diante da repressão causada pela ditadura; essa temática está expressa em muitos de seus versos, como por exemplo, no *Poema lar doce lar* (1978), *Minha pátria é minha infância: por isso vivo no exílio* (1978). Cacaso era mineiro nascido em Uberaba, foi escritor, professor, crítico e letrista. Deixou um grande legado para a Literatura Brasileira, com mais de vinte cadernos, alguns em forma de diário, com poema, fotos e ilustrações. Algumas de suas obras que merecem destaque: *A palavra cerzida* (1967), *Grupo escolar* (1974), *Beijo na boca* (1975), *Segunda classe* (1975), *Na corda bamba* (1978) e *Mar de mineiro* (1982).

Paulo Leminski Filho (1944-1989) escreveu contos, poesias, haicais, ensaios, biografias, literatura infantojuvenil, traduções e, além disso, realizou parcerias musicais. Obras que se destacam; *Etecetera* (1976), *Polonaises* (1980), *Não fosse isso e era menos/ não fosse tanto e era quase* (1980), *Tripas* (1980), *Caprichos e relaxos* (1983), *Hai tropikais* (1985), *Um milhão de coisas* (1985), *Distraídos venceremos* (1987), *La vie en close* (1991), *Winterverno* (1994),



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

Nossa Senhora Distraída, (*Distraídos venceremos* 1994), *O ex-estranho* (1996), Melhores poemas de Paulo Leminski. (seleção Fréd Góes, Global, São Paulo 1996), *Aviso aos naufragos*, *Coyoacán*, (México, Eldorado Ediciones 1997); os títulos acima citados são poesias, passaremos agora a suas prosas; *Catatau* (prosa experimental, 1975), *Agora é que são elas* (romance, 1984, *Metaformose*, uma viagem pelo imaginário grego (prosa poética/ensaio 1994), por essa obra foi premiado no Prêmio Jabuti de poesia 1995, *Descartes com lentes* (conto, 1995). Seus primeiros poemas foram publicados na revista concretista *Invenções* e colaborou com outras revistas de vanguarda, (edição online, consulta em 27/06/16).

Nascido no Rio de Janeiro, em 1951, “Chacal” é o pseudônimo de Ricardo de Carvalho Duarte, que ao lado de Cacaso destacou-se como poeta marginal na Geração Mimeógrafo. Chacal foi poeta e letrista brasileiro; mimeografou sua obra *Muito prazer*, em 1971, outras obras que merecem destaque: *Preço da passagem* (1972), *América* (1975), *Quampérius* (1977), *Olhos vermelhos* (1979), *Boca roxa* (1979), *Tontas coisas* (1982), *Drops de abril* (1983), *Comício de tudo* (1986), *Letra elétrica* (1994), *Belvedere* (2007).

Torquato Pereira de Araújo Neto (1944-1972) foi um poeta brasileiro, jornalista, letrista de música popular, fazendo parceria com Gilberto Gil, Caetano Veloso e vários outros, ligado à Contracultura. Torquato Neto atuava como um agente cultural e polemista defensor das manifestações artísticas de vanguarda, como a Tropicália, o cinema marginal e a poesia concreta, circulando no meio cultural efervescente da época, ao lado de amigos como os poetas Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, o cineasta Ivan Cardoso e o artista plástico Hélio Oiticica.

Ana Cristina César (1952-1983) foi poetisa e tradutora brasileira. É considerada um dos principais nomes da geração mimeógrafo da década de 1970, e tem o seu nome muitas vezes vinculado ao movimento de Poesia Marginal. César começou a publicar poemas e textos de prosa poética na década de 1970, em coletâneas, revistas e jornais alternativos. Seus primeiros livros foram; *Cenas de abril* e *Correspondência completa* (1979), *Luvras de pelica* (1980) foi escrito na Inglaterra, *A teus pés* (1982), *Inéditos e dispersos* (1985), *Novas seletas* (póstumo,

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

organizado por Armando Freitas Filho), *Poética* (obra completa, 2015). Em suas obras, Ana Cristina César mantém uma linha tênue entre o ficcional e o autobiográfico. Cometeu suicídio aos trinta e uns anos, atirando-se pela janela do apartamento dos pais, no oitavo andar de um edifício.

A ensaísta Heloísa Buarque de Hollanda (2015) comenta que a cultura pode ser vista como exemplo de resistência e produção de novos sentidos políticos em países em desenvolvimento, inseridos no contexto da globalização, e que, nesse contexto, a literatura também mostra algumas propostas e mudanças estruturais no sentido de sua criação e divulgação. Nesses casos, a própria noção de cultura e, conseqüentemente, a de literatura, são forçadas a repensar seus parâmetros e, até mesmo, sua função social.

A fim de completar a reflexão apresentada por Hollanda (2015), nos utilizamos das palavras de Elizangela Maria dos Santos (2010) que declara: “uma literatura não canônica vai surgindo em meio à literatura elitista, não apenas ampliando, mas, sobretudo, modificando o conceito de literatura” (SANTOS, 2010, p. 1); a Literatura Marginal dos anos 2000.

Saindo da “Geração Mimeógrafo,” que foi um movimento literário que se assemelha, em partes, com a Literatura Marginal do século XXI, damos início à contextualização dessa nova vertente.

Nascimento (2006) mostra a diferença existente entre a geração “mimeógrafo” (movimento da década de 70) e o movimento literário dos anos 2000. Ainda de acordo com Nascimento (2006), o objetivo da “Geração Mimeógrafo” era a substituição dos meios tradicionais de circulação das obras e protestar contra a ditadura, essa geração se aproximava do Modernismo. O foco da Literatura Marginal dos anos 2000 é voltado para as questões socioeconômicas, com tendências de Realismo e Naturalismo.

Conforme Nascimento (2006), a palavra marginal adjetiva aqueles que estão em condição de marginalidade em relação à lei ou à sociedade, possuindo, portanto, sentido ambivalente: assim como se refere, juridicamente, ao indivíduo indolente ou perigoso, ligado ao mundo do crime e da violência, aplica-se,



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobres, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, tendo como sinônimo, neste último caso, o adjetivo marginalizado.

Para a ensaísta, Literatura Marginal designaria os livros que não pertencem aos clássicos da literatura nacional ou universal e não estão nas listas de leituras obrigatórias de vestibulares. Ou ainda, como nos estudos mais recentes, o emprego da expressão denotaria as obras produzidas por autores pertencentes a minorias sociológicas, como mulheres, homossexuais e negros.

Concordando com Nascimento (2006), porém indo além, Oliveira (2011), numa acepção estritamente artística, marginais são as produções que afrontam o cânone, rompendo com as normas e os paradigmas estéticos vigentes. Na modernidade, uma certa posição marginal da arte sempre foi a condição aspirada como possibilidade para a criação do novo.

Os principais autores desse movimento contemporâneo estão situados às margens das grandes cidades, ou seja, vêm das favelas e periferias. Com uma linguagem informal e obras com histórias que retratam o dia a dia dos moradores dessa realidade, essas obras desafiam muitos, e enfrentam, cada vez mais, preconceito por parte de muitos críticos, que não as consideram como parte de nossa literatura; em contra partida, tais obras têm despertado grande interesse de estudiosos e acadêmicos que procuram compreender o projeto estético do movimento.

Além de Vaz, existem outros autores que contribuíram para a expansão da Literatura Marginal do século XXI. Sacolinha é romancista, contista, cronista e poeta, e segundo Nascimento (2006), esse é o apelido de infância que Ademiro Alves que o tomou como pseudônimo de imediato nos seus textos iniciais. Nascido em 9 de agosto de 1983, em São Paulo, o escritor viveu sua infância no bairro de Itaquera, que fica na região leste, e depois mudou-se para o Jardim Revista que fica em Suzano, no final do ano 2000, para morar com sua avó materna. Sacolinha se autodeclara negro e sua formação inicial foi no ensino público, assim como a maioria dos adolescentes moradores da periferia, começou muito cedo no mercado de trabalho, iniciou aos 9 anos. Atualmente, além de escritor, é coordenador de

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

literatura na Secretaria de Cultura de Suzano; é o autor de *Graduado em marginalidade* (2005), *85 letras e um disparo* (2006), *Peripécias da minha infância* (2010) e *Estação terminal* (2010).

Quando criança, Sacolinha ganhava a vida entregando panfletos nos faróis e trabalhando como cobrador de lotação no Metrô Itaquera, motivo que deu origem ao seu pseudônimo. Sua carreira ganhou destaque a partir de sua participação na publicação de um conto na terceira edição da revista “Caros Amigos/Literatura Marginal”. Sacolinha recebeu, por suas obras, nada menos que quatro prêmios: Cooperifa (criado por Sérgio Vaz em 2000, a Cooperativa Cultural da Periferia, que tem como objetivo homenagear as pessoas que procuram fazer a diferença na vida da periferia, tornando-a um lugar melhor para se viver. A maior parte dos premiados foram escritores e poetas, a filosofia da Cooperifa é incentivar à leitura e a criação poética). Prêmio Escola Oswaldo de Artes, Universidade Mogi das Cruzes de Melhor interpretação e melhor poesia, Prêmio Davi Capistrano e Prêmio Netinho por seu trabalho com a militância cultural, e recebeu Menção Honrosa no 2º Concurso “ARTEZ”, (Antologia literária e artística) com o conto urbano *Um dia comum* (2003). Atualmente, Sacolinha desenvolve um importante trabalho de recuperação de detentos através da literatura nas Fundações CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) e em presídios federais. Sacolinha mostra a força da palavra literária e o poder da escrita para transformar vidas.

Também se destacam nessa vertente da Literatura Brasileira, Rodrigo Ciríaco, professor, morador de Ermelino Matarazzo, Zona Leste da capital paulista, sua principal obra é *Te pego lá fora* (2014) essa ganhou reconhecimento internacional, sendo publicada na França.

Gilvan Conceição, mais conhecido pelas ruas como Mano Hostil, tem como sua principal obra *762 dias de angústia*, 2011, que relata a experiência que teve ao visitar o filho em alguns presídios do Brasil.

Alessandro Buzo iniciou na Literatura Marginal como escritor em 2000 com a obra *O trem*, baseado em fatos reais, que originou a música "O trem" do grupo RZO. Lançou mais quatro livros: *O cotidiano do Itaim paulista* (2004),



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

Guerreira (2007), *Suburbano convicto* (2010), *Toda brisa tem seu dia de ventania* (ANO) e *Favela toma conta* (ANO).

Wesley Barbosa é autor de *O diabo na mesa dos fundos* (2015), o quinto livro publicado pela editora Selo do Povo, do escritor Ferréz. O autor nasceu em Itapeverica da Serra, divisa com São Paulo, tem 25 anos e começou a escrever na infância. Barbosa divulga e publica seus textos, poemas e contos em seu *blog* desde 2009. O autor faz parte do encontro de Literatura Marginal desde maio de 2014, onde começou a divulgar no microfone seus primeiros trabalhos.

Ferréz é fundador da Literatura Marginal Brasileira, seu nome é Reginaldo Ferreira da Silva. Decidiu que seu nome artístico, Ferréz, homenagearia dois grandes heróis: Virgulino Ferreira (Ferre), ou Lampião e Zumbi dos Palmares (Z), que assim como ele, lutaram pelas minorias. Ferréz é morador da favela Capão Redondo em São Paulo, e além de romancista é também contista e poeta.

Autor de diversas obras, em 1997, lançou o seu primeiro livro *Fortaleza da desilusão* que reúne poemas influenciados pelo movimento concretista. Em 2000, publica *Capão pecado*, um romance que trata do violento cotidiano do bairro Capão Redondo; publicou, ainda, *Manual prático do ódio* (2003) e *Deus foi almoçar* (2012).

É fundador do grupo 1DASUL, (o nome remete a ideia de que todos são um, pela mesma luta e pelo mesmo ideal: dignidade das periferias), que promove eventos e ações culturais na região do Capão Redondo. Em 2001, cria e lança a *Revista Literatura Marginal*, em parceria com a “Caros Amigos”, acarretando o surgimento do selo literário L.M. (Literatura Marginal). Em 2003, lança o livro *Manual prático do ódio* que expandiu em âmbito internacional. Em 2005, lança seu primeiro livro infantil *Amanhecer Esmeralda*. Com a frase: “Neste novo livro, tento mostrar as duas caras de São Paulo: a que dorme e a que não consegue dormir...”, o autor lançou o seu primeiro livro de contos, *Ninguém é inocente em São Paulo* 2006.

Em 2006, Ferréz também ganhou o prêmio HútuZ (Ciência e Comportamento) pelo livro *Manual Prático do ódio* e o 1º Prêmio Cooperifa (pelo conjunto da obra e pelo projeto Literatura Marginal); e em 2007, *Ninguém é inocente em São Paulo* é indicado ao prêmio Jabuti e finalista do prêmio Portugal Telecom na

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ

categoria Contos. No ano de 2011, Ferréz e Rodrigo Ciríaco foram convidados para fazer parte da delegação brasileira do Salão do Livro de Paris. Durante esse período, aproveitaram para vender seus livros em diferentes partes da cidade, visitaram colégios e trocaram experiências com alunos de bairros pobres. Nessa visita, não perderam tempo e fizeram um verdadeiro trabalho de marketing realizado em contato direto com o público.

E, por último, mas não menos importante que Ferréz, apresentamos Sérgio Vaz. Vaz é outro notável representante dessa nova vertente literária; como já dito antes é o fundador da Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), em 2000; suas principais obras são: *Subindo a ladeira mora a noite* (1988), *A margem do vento* (1991), *Pensamentos vadios* (1994), *A poesia dos deuses inferiores* (2005), *Colecionador de pedras* (2007), *Cooperifa-antropofagia periférica* (2008) e *Literatura pão e poesia* (2011), Sérgio Vaz completou em 2016, vinte e sete anos de carreira. Suas obras são reconhecidas internacionalmente e o levaram a vários países a fim de receber importantes premiações. Como autor escolhido para nossa pesquisa, preparamos para o capítulo seguinte, uma abordagem mais detalhada sobre Vaz e sua obra.

3 O autor e a obra

3.1 O autor Sérgio Vaz e a representação da literatura marginal do século XXI

Segundo Débora Toledo (2014) (uma das autoras do *blog* Literatura Marginal), Sérgio Vaz nasceu em Ladainha (Minas Gerais) em 1964, e mudou-se com a família para São Paulo aos cinco anos de idade. Mais tarde, estabeleceu-se em Taboão da Serra, na região metropolitana de São Paulo.

Miranda (2011) afirma ser impossível falar de Sérgio Vaz sem antes destacar os trabalhos e os projetos que ele realiza.

[...] falar em Sérgio Vaz implica, necessariamente, falar em Cooperifa, é interessante destacar um pouco do perfil deste escritor e do contexto no qual está inserido para que possamos compreender melhor a relação que ele estabelece com a palavra, com alguns projetos nos quais está envolvido e com a comunidade onde reside, pois, através das diversas intervenções



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

cotidianas Vaz se posiciona como intelectual e atua de forma a afirmar identidades e a alterar o desequilíbrio de poder entre os discursos dominante e dominado (MIRANDA, 2011, p. 1).

De acordo com Miranda (2011), em 2000, Vaz fundou a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa). Também foi o criador do Sarau da Cooperifa, que semanalmente reúne cerca de quatrocentas pessoas no Jardim Guarujá para ler e criar poesia. Vaz promoveu, ainda em 2007, a “Semana de Arte Moderna da Periferia”, inspirada na *Semana de Arte Moderna de 1922*. Criou outros eventos, como a Chuva de Livros; o Poesia no Ar, em que papéis com versos são amarrados a balões de gás e soltos no ar; e o Ajoelhaço, em que homens se ajoelham na rua para pedir perdão às mulheres no Dia Internacional da Mulher.

Miranda (2011) diz que a partir de um ponto de vista construído por meio das experiências de Vaz, enquanto vítima de injustiças sociais, a criação da Cooperifa é uma forma de resistir, por meio da palavra, à dor da “chibata” e da “miséria”, uma dor que tem cor, que mata, que humilha e alimenta. E, conforme declara o poeta, a Cooperifa “nasceu” em um galpão de uma fábrica na BR-116, em Taboão da Serra, no ano de 2001, um espaço onde os artistas da periferia pudessem divulgar seus trabalhos através de um evento multicultural, a ideia inicial é que seria um dia inteiro de apresentações, cuja programação incluiria diversas expressões como poesia, música (rap, MPB, reggae e samba), teatro, exposições, capoeira, lançamento de livros, dança (teve até desfile de cabelos afro no dia). E, principalmente a partir do hip-hop, já estavam acontecendo na periferia vários eventos; eles só queriam fazer um evento que reunisse todo mundo.

A literatura de Sérgio Vaz “atua como instrumentos ideológicos que (re)significam o imaginário coletivo à medida que também (re)constroem identidades pessoais e coletivas e dão visibilidade a sujeitos que até há pouco estavam em condição de invisibilidade” (MIRANDA, 2011, p. 1).

O autor foi escolhido, em 2009, pela revista *Época* um dos cem brasileiros mais influentes, e homenageado pela escola de samba Imperatriz do

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

Samba em 24 de fevereiro de 2012, do primeiro grupo de Taboão da Serra, que apresentou o enredo “Sérgio Vaz, o poeta da periferia”.

Em suas redes sociais, o autor Sérgio Vaz se autodenomina como “Vira-lata da literatura”, “vagabundo nato”, porém estes títulos não o diminuem, pelo contrário, dão a ele um estilo próprio e o aproximam ainda mais de seus leitores.

Fortaleceu a antropofagia periférica: pegamos toda essa cultura que vem do centro, mastigamos e entregamos de forma periférica. O que estamos fazendo agora é dando nosso charme, nossa visão sobre as coisas. É o nosso momento. Queremos mostrar a poesia negra como ela é, a literatura periférica como ela é. Nosso teatro se comunica de outra forma, que não é nem melhor nem pior, é a nossa forma. A literatura periférica é melhor que a universal? Não, ela é nossa, ela apenas nos representa (VAZ, 2016, online).

Sérgio Vaz é um dos principais representantes dessa vertente denominada Marginal do século XXI. De acordo com Miranda (2011), escreveu seu primeiro livro em 1988, em parceria com Adrienne Mucciolo afirmando que o desejo de se tornar poeta veio em 1984, influenciado pela MPB.

Conforme entrevista disponível na revista *iG (online)*, pode-se dizer que Sérgio Vaz cumpriu a profecia de Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte em *Canto das Três Raças*,(música já gravada por Clara Nunes) que diz: “De guerra em paz, de paz em guerra / Todo o povo dessa terra / Quando pode cantar, canta de dor”.

O canto triste de Sérgio Vaz é denúncia de uma periferia que luta contra o genocídio da população negra e jovem, que pede espaços culturais em vez de delegacias e unidades da Fundação Casa, que grita por dignidade, que insiste em formar leitores e que constrói ‘a Primavera de Praga da periferia’, como o poeta define os últimos dez anos de agitação cultural nas ‘quebradas’ (VAZ, 2014, online).

As obras de Vaz já venderam mais de trinta mil exemplares. Seu trabalho o levou a seis países diferentes a fim de participar de feiras literárias e congressos. De suas viagens, internacionais ou não, Sérgio Vaz coleciona reproduções de *Dom Quixote* (1605), personagem central da obra homônima de Miguel de Cervantes; apaixonado por literatura espanhola possui mais de trinta reproduções literárias e esculturais, dessa obra, entre elas, uma escultura de *Dom Quixote* de dois metros, instalada no quintal de sua casa. Para explicar esse encantamento Vaz afirma: “Esse livro salvou minha vida” (REVISTA *iG*, 2015, *online*).

[Digite texto]



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

Em outra entrevista à *Revista iG*, (online), Sérgio Vaz faz o seguinte comentário: “Gosto do termo literatura periférica porque diz de onde viemos. Antigamente falavam da gente. Hoje, falamos nós mesmos”.

Dos seus sete livros publicados, destaca-se *Colecionador de pedras*, 2007, com o qual realiza um trabalho dentro de escolas públicas. Esta obra marca uma fase em que a periferia grita “temos muito o que dizer” “somos poetas”, “somos a poesia” (Vaz, 2007).

Poesia contra violência surgiu para percorrer as escolas públicas do Brasil levando poesia. O melhor de ir até a escola é que o público está lá, esperando para ser conquistado, temos o retorno imediato e a criação de público esperada e o mais importante, despertamos corações para o fato de que todos podem fazer poesia. É a satisfação de ouvir na rua: Obrigado poeta, por ter ido à minha escola (VAZ, 2016, online).

Vaz comenta sobre o projeto “Poesia contra violência” e os resultados que tem em relação ao trabalho com os jovens e como vê a relação professor e aluno. E completa:

A visita às escolas é o trabalho mais gratificante a meu ver. Quando chegamos lá os alunos pensam: Opa, não vai ter aula! Na cabeça dele, ele não está tendo aula, mas talvez seja a melhor aula que ele vai ter no dia. É subliminar, não podemos rejeitar isso, é maravilhoso! Quando vejo alguém falar mal de professor, não concordo porque ele é reflexo do péssimo sistema de ensino do Estado. Não podemos falar mal do professor e dizer que tudo que está acontecendo é culpa do professor, o fato é que a criança não está sendo educada porque o Estado não quer que eduque. Para dar aula à noite na quebrada tem que ser macho. A gente tem que aprender a bater em quem realmente precisa apanhar (VAZ, 2016, online).

Quando questionado pela *Revista iG* (2016) sobre o que sentia em relação ao seu trabalho e o como ele queria ser visto, surpreendentemente sua resposta foi humilde e simples:

Sou um poeta simples, de rua. Quero ser lembrado como um sonhador. Nada mais. Sou o poeta do amor, até para falar de uma causa, você precisa amar essa causa. Nunca escrevi contra, por que para escrever contra precisa ter ódio, escrevo a favor dos nossos. Talvez, também, eu seja um covarde, que decidi escrever poemas para defender suas causas, porque se eu tivesse coragem faria uma revolução, ia pra rua de arma na mão (REVISTA iG, 2016, online).

Retomando as reflexões de Candido (2000) é possível dizer que o ensaísta concorda com essa ideia de empregar uma forma simples de fazer poesia

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

afirmada por Sérgio Vaz, pois para o ensaísta o poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui seu próprio espelho, a sua monda individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao desenvolver a realidade.

Miranda (2011) diz que Sérgio Vaz “convoca” de modo direto e seco, aqueles que partilham das mesmas identidades sociais que ele a se posicionarem “contra” vários símbolos e representações que contribuem para reforçar o desnível de poder e para colocar os moradores em condições desfavoráveis como, por exemplo, contra o artista com deficiências auditivas e a letra, que não fala. Contra aquela que é denominada arte domingueira, mas que, artisticamente, em nada nos acrescenta e nos hipnotiza no colo da poltrona; contra as atrocidades que são a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural, contra os carrascos e as vítimas do sistema, contra o artista serviçal a serviço da vaidade.

De acordo com a *Revista Rede Brasil*, Vaz recebeu o título de Cidadão Paulistano em 2016, que representa a mais alta honraria do município; a entrega do título aconteceu no Bar do Zé Batidão, local em que toda quarta-feira, há doze anos, ocorre o Sarau da Cooperifa, no M’Boi Mirim, extremo sul de São Paulo. Esse fato dá ao autor o reconhecimento de seu trabalho social, pois segundo Candido (2000) a posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. Importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de arte, e como define sua posição na escala social; o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas.

Para Candido (2000), a arte coletiva possui mais valor do que a arte individual assumindo, assim, as aspirações e valores de um determinado grupo social de um determinado tempo, essa, na maioria das vezes, perde a identidade de seu criador, assumindo a identidade do grupo.

Durante uma entrevista para a *Revista Rede Brasil*, ele falou sobre seu livro *Flores de Alvenaria* (2015) e sobre o que acontece ao seu redor:

Eu sou o oprimido que vive na periferia e que acompanha de perto o racismo e a fome, seria até um pecado eu não escrever sobre isso. É hora

[Digite texto]



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.
de a caça contar um pouco da história (REVISTA REDE BRASIL, 2016, online).

Sérgio Vaz é a voz que representa, com autoridade e simplicidade, a periferia; dessa forma, o autor descreve, produz e reproduz os sentimentos existentes na comunidade toda vez que um morador sofre violência, seja na forma física ou na alma, essa última acontece com mais frequência.

Nossa arte sangra, sua, chora. Quando alguém escreve que está tomando um tiro você escuta o barulho da bala, sente o sangue escorrer pela página, diz. A nossa arte vem da rua, das ruas que os anjos não frequentam. É lá que se escreve. Nossa arte vem da dor. Ela não fala dos negros, ela fala pelos negros, com os negros. Não fala dos pobres, fala com eles e por eles, junto (REVISTA REDE BRASIL, 2016, online).

Nesta mesma entrevista, Vaz faz críticas ao sistema político e lamenta a violência e o esquecimento (abandono) pelo sistema, que não considera dentro da estatística os jovens e pessoas pobres, moradores das periferias como vítimas da violência, além de falar da arte como filosofia de vida.

Nós seguimos uma filosofia de vida que é: a gente quer ser feliz também. Antes a gente só queria, mas agora estamos sonhando com as mãos. Estamos em um momento que precisamos começar a nos reconhecer como humano. Morrer 12 jovens em um bairro de periferia é estatística. Nós precisamos chorar essas 12 mortes (REVISTA REDE BRASIL, 2016, online).

O que se evidencia ao analisar as entrevistas concedidas por Sérgio Vaz, é realmente o caráter social e ideológico que os autores da Literatura Marginal brasileira abordam em suas obras.

Como a voz que representa a periferia, que fala pelo povo, Vaz comenta sobre vários assuntos durante essa entrevista a *Rede Brasil Atual*, e um deles é sobre alguns projetos políticos, assim como o edital de Fomento¹ à Periferia, um projeto de lei proposto por coletivos culturais das periferias, que foi sancionado por Fernando Haddad, quando este era prefeito de São Paulo, que via com bons olhos e avaliava como extremamente necessário, e uma grande vitória das pessoas que lutaram por isso, pois acredita que é função do Estado gerir a cultura. Sobre o

¹ O programa de fomento à cultura da periferia de São Paulo criado pela Lei nº 16.496/2016, foi sancionado no dia 20 de julho de 2016, tem como finalidade apoiar financeiramente projetos de ações culturais propostos pelo coletivo.

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

VAI² (Programa de Valorização de Iniciativas Culturais), que colaborou para democratizar um pouco a cultura da periferia Vaz comenta:

O VAI é muito mais democrático, porque ele circula mais e a grana é menor, então não interessa a muita gente. Ajudou a dar um pouco mais voz para a periferia. Ele atrai as pequenas iniciativas, que incorpora as médias e que chega nas grandes. Eu não sou contra a lei Rouanet, que é para rico ou classe média. Eu acho que tem que ter pra todos, inclusive para a gente na periferia, mas será que as outras classes sociais entendem dessa forma? Eu entendo assim, afinal como eu soffro preconceito eu não reproduzo. Eu acho que essas leis são necessárias neste momento e dou parabéns para o Haddad por ter sancionado, até porque é impopular neste país reacionário que vivemos hoje. Qualquer medida que seja para o povo é impopular (VAZ, 2017, *online*).

Sobre política, Vaz faz duras críticas ao atual governo, e garante que outrora, nos governos de Lula e Dilma, as coisas eram melhores para as classes mais pobres em vários aspectos, inclusive tinha diálogo com a periferia mesmo tendo várias contradições, e, hoje, com o governo Temer não tem diálogo e é “tudo de cima para baixo, que acabaram com a Secretaria de Igualdade Racial”, além de que vários outros representantes do governo defendem causas absurdas, também fala do fato de pessoas serem contra o Programa Bolsa Família que incomoda alguns, mesmo tendo um valor pequeno e não se sentem incomodados com o fato de Paulo Maluf e outros políticos terem roubado a vida toda e não ser visto como um absurdo.

Eu lembro do Bolsa Família e das pessoas falando que estavam sustentando pobres. Mas você que faz três refeições por dia não quer que a outra pessoa faça também? O Paulo Maluf nos roubou a vida inteira e isso não é um absurdo. Por que é absurdo que se repasse dinheiro para comer? De onde vem essa lógica? Eu aceito todo mundo da Lava Jato. Eu aceito R\$ 23 milhões desviados pelo José Serra, mas e se fosse o Lula, o que você acha que estaria acontecendo agora? Aos amigos tudo, aos inimigos a lei. E mesmo aqui na periferia está cheio de coxinha, que eu chamo de “simpatizante”, porque não tem dinheiro para ser coxinha. É aquele que não vai ser convidado para a festa (VAZ, 2017, *online*).

Toda essa crítica feita pelo autor ao sistema político nacional reforça sua preocupação com questões sociais, constantemente retratadas em suas mais diversas obras, por exemplo, na obra *Flores de alvenaria* (2016), que assim como *Literatura, pão e poesia* (2011) é uma obra também organizada em forma de

² Programa de Valorização de Iniciativas Culturais, criado pelo decreto de Lei nº 43823/2003 com a finalidade de apoiar financeiramente atividades artístico-culturais.



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

crônicas, várias vezes o autor expressa toda sua aversão com o sistema de leis que regem o país, e se mostra indignado como a forma como os impostos que pagamos não são usados para o que realmente deveriam, “[...] pago os meus impostos e sei que eles não fazem nada com eles, [...]” (VAZ, 2016, p. 55).

Como já foi dito, Sérgio Vaz representa a voz daqueles que não conseguem se pronunciar ou se fazerem ouvir. Para Guimarães (2014), é através das crônicas escritas em suas obras que ele faz uma forte crítica aos que comandam o país e que têm controle da caneta. Ela não é feita de maneira direta, mas todos que leem conseguem percebê-la pelo uso das imagens que o poeta cria. Vaz retrata o povo que enfrenta dificuldades no acesso à educação e a saúde; que precisa madrugar para chegar ao seu trabalho, que depende de um transporte público precário, enfim, são os “quixotes da periferia”.

Ao retratar a realidade e os problemas das pessoas da comunidade, nos faz refletir sobre os níveis de corrupção e desordem que assolam o país, essa pátria verde e amarela que se deixa manchar pelas cores negras da desolação. Essa situação está marcada de forma clara e indireta na obra *Literatura, pão e poesia* (2011) como, por exemplo, na crônica “Brasil o filme” (p. 64), o autor descreve uma cena típica presenciada nas grandes metrópoles do país, nos semáforos, crianças, jovens e adultos aguardam o momento para apresentar suas habilidades seja para atividades artísticas, vendas, ou até mesmo conseguir juntar algumas moedas para sobreviver.

A partir desta cena descrita na obra, nos deparamos com um contexto social desumano, crianças fora da escola à mercê de traficantes e prostituição, famílias sem perspectiva de vida, jovens sem empregos, sendo tragados pela marginalidade e pelo crime. Um cenário desolador, marcado por diferenças; de um lado apresenta nomes de pessoas importantes perante a sociedade e a empresa que elas representam e, no oposto, pessoas sem nome, com histórias desconhecidas, sem patrocínio de vida, que sofrem preconceito por pertencerem a uma região do país, que como todas as outras passam por problemas sociais, regionais, e nem por isso são menos importantes, rica em cultura e beleza. As frases finais desse capítulo, nos deixam a confirmação de que todos sonham com uma

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM *LITERATURA, PÃO E POESIA*, DE SÉRGIO VAZ

mesma coisa, resumindo em uma só palavra, “paz”: “O rico está cansado. O pobre está cansado. A vítima descansa em paz” (VAZ, 2011. p.65, 66).

Chauí (1984) faz uma reflexão sobre o direito e dignidade do homem e o trabalho:

O Estado aparece como a realização do interesse geral, mas, na realidade, ele é a forma pela qual os interesses da parte mais forte e poderosa da sociedade ganham a aparência de interesses de toda a sociedade. (...) quando se diz que o trabalho dignifica o homem e não se analisam as condições reais de trabalho, que brutalizam, entorpecem, exploram certos homens em benefícios de uns poucos. Estamos diante da ideia de trabalho e não diante da realidade histórico-social do trabalho (CHAUI, 1984, p. 69-88).

Levando em conta o que diz a ensaísta, podemos perceber que os interesses econômicos e políticos, privilegiam as classes sociais mais influentes, e os mais carentes são abandonados pelos programas que não funcionam e ou que não saem do papel, motivando cada vez mais Vaz e outros poetas, a destacarem a realidade de uma população que grita e implora para ser ouvida e enxergada. Passamos, agora, a uma abordagem sobre a obra que compõe o corpus desta pesquisa.

3.2 A crônica: do circunstancial ao literário

Conforme dito em páginas anteriores, a obra que escolhemos para compor o *corpus* de nossa pesquisa trata-se de uma compilação de outras obras já publicadas e organizadas aqui em forma de crônica, por isso, faz-se necessário, antes de apresentarmos o livro de Vaz, fazermos uma abordagem, ainda que sintetizada, sobre a crônica.

A fim de melhor esclarecermos esse gênero pautamos nossas reflexões na obra de Jorge de Sá denominada *A crônica* (2007). Na obra o autor diz, logo no primeiro capítulo, que a história da nossa Literatura nasceu da crônica. Isso porque, segundo Sá (2007) a Carta de Caminha ao rei de Portugal, que continha relatos da nova terra, nada mais é do que uma crônica, sendo assim Pero Vaz de Caminha foi nosso primeiro cronista:



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe a matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento (SÁ, 2007, p. 5).

Para Sá (2007), é indiscutível que o texto de Caminha seja uma crônica, no sentido mais literário da palavra, pois esta recria com empenho e arte o contato direto com a nova população e seus costumes, retratando com riqueza de detalhes o confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva aqui encontrada.

O relato feito pelo “cronista” Caminha era, de acordo com Sá (2007), fiel às circunstâncias em que todos os elementos se tornaram decisivos para que o texto transformasse a pluralidade dos relatos em uma unidade muito significativa. O autor ainda nos chama atenção para o fato de que a vivência, ou seja, a experiência vivida é o que a torna mais intenso. Caminha, ao relatar sua vivência na terra recém-descoberta, estabelece o princípio básico da crônica, que é o de registrar o circunstancial.

Entende-se, portanto, que, segundo Sá (2007), a concretude dos fatos evita que a crônica caia no esquecimento evidenciando que a realidade conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte, é feita também das experiências vividas pelo artista.

Assim, desde a descoberta da carta de Pero Vaz de Caminha, que, ainda segundo Sá (2007), ocorreu em 1773, até o presente momento a literatura brasileira tem se modificado, na busca de nossa identidade literária. E faz esse caminho de diversas formas pela linguagem, sintaxe, pelas variedades poéticas, ou principalmente pela dessacralização dos temas sagrados e consagrados, a literatura alcançou sua inimiga tradicional: a vida mundana.

Para Sá (2007), muitos acreditam que narrativa curta é sinônimo de conto, porém o conto tem uma densidade específica centrando-se na exemplaridade de um instante da condição humana, sem que essa exemplaridade se refira à valoração moral, já a crônica não possui essa característica. Tomemos, por exemplo, novamente, a carta de Caminha, que perdendo sua extensão, conservou-se a marca de registro circunstancial feito por um “narrador-repórter” que relata um fato não só a um receptor em específico, mas a muitos outros leitores que formam

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

um público determinado. Esse público seria aqueles que têm preferência pelo jornal em que ela é publicada, o que configura numa espécie de censura ou, pelo menos, de limitação uma vez que a página do jornal comporta várias matérias, obrigando o redator a explorar de maneira mais econômica possível o pequeno espaço que compõe e é dessa economia que nasce sua riqueza estrutural.

Conforme Sá (2007), até mesmo as reportagens, quando bem escritas, buscam a função poética da linguagem, bem como o silêncio em que se escondem as verdadeiras significações daquilo que foi verbalizado:

Na crônica, embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade do cronista ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse 'por acaso'. No entanto o escritor sabe que esse "acaso" não funciona na construção de um texto literário (e a crônica é literatura), pois o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do povo, captando tudo aquilo que nós não estamos aparelhados para depreender, terá que explorar as potencialidades, da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias, (...), descortinando para o público uma paisagem até então obscura ou ignorada por completo (SÁ, 2007, p. 9-10).

De acordo com as considerações feitas pelo ensaísta conclui-se, portanto, que a aparente simplicidade da crônica não quer dizer desconhecimento das artimanhas artísticas, mas sim do fato de que esse gênero surge primeiro no jornal e esse lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia provém exatamente do jornal, que nasce, envelhece e morre em vinte e quatro horas. À pressa de escrever, junta-se a de viver.

Para Sá (2007) a elaboração da crônica se prende a essa urgência, pois o cronista possui pouco tempo para produzir seu texto; muitas vezes esses textos são criados em salas inadequadas à produção literária, e mesmo quando são produzidos em ambientes propícios à produção, é difícil acompanhar o ritmo ágil do jornal. Dessa forma, Sá (2007) pontua que há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o autor perca a magicidade da criação, pois ele tem sempre em vista que o real não se deixa ser meramente copiado, mas recriado, assim, o coloquialismo deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, assumindo a forma de diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão apropriada.



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

O ensaísta comenta que o dialogismo equilibra o coloquial e o literário, possibilitando que o aspecto espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema que está sendo tratado em uma determinada crônica, tal como acontece nas conversas diárias e em reflexões, quando também se conversa com um interlocutor, que nada mais é do que o outro lado, a outra metade, sempre numa determinada circunstância.

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e lágrimas. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também (SÁ, 2007, p. 11).

Sá (2007) destaca, ainda, sobre o processo da crônica no contexto do livro, e afirma que uma vez publicada em livro, a crônica assume certa recriação na medida em que é escolhida pelo autor, e se torna mais duradoura, pois os textos que envelheceram devido à sua excessiva circunstancialidade, não entram na seleção. Assim, no momento em que a crônica migra do jornal para o livro, tem-se a sensação de que ela superou a transitoriedade e se tornou eterna.

A respeito dessa mudança, o ensaísta, afirma que ela provoca um novo direcionamento, pois o público do jornal é mais apressado e mais envolvido com várias matérias focalizadas pelo periódico; já o público do livro se caracteriza por ser mais seletivo e mais reflexivo. Sá (2007) diz que em muitos casos o público é basicamente o mesmo, uma vez que o mesmo leitor que desfruta a vida por meio de reportagens também a desfrutará por meio de páginas literárias, a forma como cada leitor recebe o texto é que é mudada.

Enfim, Sá (2007) conclui que isso tudo só irá funcionar se estivermos despidos de preconceitos e não exigirmos da crônica funções específicas de outros gêneros basta usar a sensibilidade e permitir que a narrativa reinvente os momentos belos da vida, despertando também o poeta adormecido presente em cada leitor.

Após esse breve percurso, a fim de conceituarmos o que é crônica, passemos agora a falar sobre o *corpus* de nossa pesquisa, a obra *Literatura, pão e*

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM *LITERATURA, PÃO E POESIA*, DE SÉRGIO VAZ

poesia (2011) de Sérgio Vaz, que foi o primeiro livro que o autor lançou em forma de prosa; suas obras anteriores eram poesias.

3.3 Literatura, pão e poesia: a arte e o pão da alma

Conforme já dito, Holanda (2011) destaca que a obra acima referenciada é uma compilação de várias outras obras e artigos já publicados; assim, *Literatura, pão e poesia* (2011) é composta por cinquenta e seis crônicas, dezesseis pequenas poesias nos intervalos dos capítulos, tendo o prefácio assinado por Heloisa Buarque de Holanda e o posfácio por Eliane Brum.

No prefácio da obra, a professora Holanda relata um pouco do autor e de sua forma ativista e chega a comparar as crônicas como um namoro com a poesia:

Literatura, pão e poesia fala disso e do entorno desse ativismo. São crônicas, às vezes em namoro com a poesia, às vezes claramente descritivas, quase contos, às vezes um espaço de opinião e indagação (HOLLANDA, 2011, p 10).

Holanda (2011) destaca essa nova tendência literária, marginal ou periférica, e diz que essa veio com força e garra na virada do milênio. Apresenta o primeiro texto de *Literatura, pão e poesia* (2011), dizendo que o mesmo faz uma forte interpelação como é feito nos Saraus da Cooperifa. “Somos chamados, logo no primeiro texto, intitulado ‘Novos dias’, a não abrir mão do sonho nem da poesia, mas de punhos cerrados que a luta não para” (HOLLANDA, 2011, p 10). Quase um manual de conduta. Esse é o lema que rege o livro (e o belo trabalho da Cooperifa). “Mais do que sua identidade ou CPF, você vale quanto sonha e o que faz desse sonho” (HOLLANDA, 2011, p. 11).

Holanda (2011) faz comentários gerais de algumas crônicas e destaca que para ela, um dos textos mais interessantes é a crônica “A poesia dos deuses inferiores”, toda construída por nomes de livros ou autores - dessa vez, não os canônicos, mas aqueles da literatura marginal.

Nesse texto, podemos observar que a expressão “ninguém” tem como propósito fazer uma crítica ao sistema de Segurança Pública, pois “ninguém matou, ninguém morreu” (HOLLANDA, 2011, p. 11), não entram nas estáticas, ou seja, por



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

meio da ironia o autor constrói um texto que materializa o cotidiano de muitos moradores da periferia.

A professora destaca ainda o poder da palavra utilizada por Vaz como poder político da aquisição, além de fazer um breve comentário acerca da “Semana de Arte Moderna da Periferia”, que faz referência à *Semana de Arte de 22*, com a escrita de Vaz “Manifesto da Antropofagia Periférica”, que é nada mais que uma releitura periférica e antenada do “Manifesto de Oswald de Andrade”. Para finalizar sua apresentação à obra, Hollanda partilha uma declaração de Vaz: “ler livros como quem foge das galés” (HOLLANDA, 2011, p. 13), e acrescenta que ao unir criador e criatura é possível descortinar a visão da literatura como carta de alforria, disseminada na periferia de São Paulo e em outros tantos espaços.

Nas páginas de *Literatura, pão e poesia* (2011), encontraremos várias citações de nomes de grandes escritores como Machado de Assis, Pablo Neruda e outros. Durante entrevista *online* para a *Revista IG*, Vaz fala sobre toda a sua admiração pelos poetas que fazem poesia como quem se alimenta dela; podemos inferir que foi a partir disso que nasceu em Vaz a confiança para que esses autores fossem homenageados nas páginas de seu livro:

Pablo Neruda, esse é o cara, não adianta, e Clarice Lispector, não tem jeito. Descobri a obra de Neruda em 1983, mais ou menos, quando eu falei que descobri a música popular, lembro que ouvi alguém citando Pablo Neruda, e aí que eu enxerguei a poesia de outra forma, porque eu achava que poesia era uma coisa de gente afrescalhada. No sentido assim: “Bom dia, sol; bom dia, lua...” Sabe a vida láctea? E ao ler a poesia do Neruda, eu falei - pô, esse cara está falando de pão, de comida, do pobre, contra a ditadura, do amor, de uma forma de amar uma causa, de amar o próximo... aí ele me acompanha pro resto da vida (VAZ, 2016, online).

Em *Literatura, pão e poesia* (2011), essa marca é registrada por crônicas em forma de narrativas simples, que deixam caracterizado como um fato cotidiano de quem escreve um diário ou anotações de leituras para serem lembradas em algum momento de releitura.

Por conta de um trabalho que vou fazer, estou relendo *Dom Casmurro*, o romance mais poético que eu já li na minha vida- depois de *Confesso que vivi* do Neruda-, e, a cada releitura, a história muda na minha ideia. O livro tem uma magia da porra [...] Aí voltando ao tema da sua negritude ou não, caiu em minhas mãos o livro Machado de Assis, afrodescendente, de

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ

Eduardo Assis Duarte, que mostra que ele não foi tão bunda mole assim como alguns estão dizendo. 'Quem lê enxerga melhor' (VAZ, 2011. p. 48-49).

Registra-se a presença de alguns escritores periféricos, artistas, jogadores, cantores, figuras populares e políticas, que são resgatados como personagens e assuntos abordados nessas crônicas, sejam em forma de lembranças ou mesmo para contar fatos que realmente tenham acontecido:

Outro dia fui assistir ao último jogo do Palmeiras no estádio Palestra Itália, que vai ser demolido depois de 91 anos de história. Estádio de futebol, todo mundo sabe, independente do time para o qual se torce, parece um coração batendo, ou, em muitos casos, apanhando. É um lugar para sorrir e chorar [...] Falando em amor, alguns jogadores como Aldemir da Guia, Jorge Mendonça e Evair eram poetas que escreviam poemas com os pés, e São Marcos com as mãos, e depois de cada jogo, independente do resultado, a poesia estava ali, impressa, cada verso, cada estrofe, em nossas retinas tão maltratadas pela aspereza da vida (VAZ, 2011, p. 88, 89).

Utilizando-se da forma simples que é a crônica, Vaz comenta, em um discurso sensível e político, o circunstancial, a vida e uma grande paixão dos brasileiros, o futebol. Com seu olhar de cronista atento à vida, ele recria com engenho e arte tudo que registra.

Em sua obra, o autor mostra a realidade que o cerca, mas o faz de uma maneira provocativa, instigante, cumprindo o seu propósito de dar voz àqueles que nunca são ouvidos.

Ler nunca pareceu ser tão fácil e simples; a forma como seu livro foi escrito, nos faz ter a sensação de um diálogo com outras pessoas, mesmo as duras críticas feitas ao sistema e ao contexto social e político estão contextualizadas no espaço que quer ser desfocado percebendo-se a ironia marcante e explícita.

A periferia nunca esteve tão violenta, pelas manhãs é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até 400 páginas. Jovens traficando contos, adultos, romances. Os mais desesperados, cheirando crônicas sem parar. Outro dia um cara enrolou um soneto bem na frente da minha filha (VAZ, 2011, p. 47).

Com já dito antes, Vaz, em nenhum momento, deixa de retratar o contexto social das pessoas que representa, embora se utilize de uma linguagem informal, que para se aproximar da vida real das personagens, é uma pessoa adepta de leituras, e sua escrita se baseia em estudos realizados em outras obras e



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

conhecimentos adquiridos, facilmente notados quando na crônica “Literatura das ruas”, cita escritores como Vitor Hugo, Cervantes, Mário Quintana, Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, e obras como *Os miseráveis*, *Dom Quixote*, além de fazer uma retrospectiva do passado, trazendo Quilombo e a sua história de luta como ideologia, que marcou a história de um povo escravizado, que aspirava por liberdade, e fez disso símbolo de esperança e força, que se manteve viva no coração de todos aqueles que se sentiam oprimidos e desejavam ser livres.

Pode-se afirmar que as palavras “quilombo” e “senzala”, na obra *Literatura, pão e poesia* (2011) são plurissignificativas e nos ajudam a construir os sentidos de história na medida em que vamos realizando a leitura da crônica. A palavra quilombo é utilizada por Vaz para dar significação ao Sarau da Cooperifa, “O Sarau da Cooperifa é o nosso quilombo cultural. A bússola que guia a nossa nau pela selva escura da mediocridade” (VAZ, 2011, p. 35). Vaz também utiliza as palavras quilombo e Palmares em outras crônicas, mostrando que essa luta é atemporal, hoje ela não é uma ideologia somente de negros, mas sim de milhares de pessoas que estão às margens da sociedade, seja por discriminação racial ou contexto social e político, que hoje traz todas as cores de peles, religiões, culturas e se encontram espalhadas pelo nosso país.

A barraca é o quilombo dos Palmares dessa família, tamanha é a liberdade com que constroem o pão de cada dia. Trazem no olhar o desprezo pela chibata. E no coração, o fogo brando que aquece o caldeirão da liberdade. Valeu Zumbi! Para aqueles que acreditam que o caráter independente da cor, uma poesia: ‘Que a pele escura não seja escudo para os covardes que habitam na senzala do silêncio. Porque nascer negro é consequência, ser é consequência’ (VAZ, 2011, p 75,76).

Fica claro, para nós, leitores, o valor e o sentido da Literatura Marginal, assim como em outros momentos da nossa literatura, esta vertente rompe com os cânones e se destaca como uma nova representação não apenas de arte, mas de arte engajada política e socialmente falando, comprometida.

Em entrevista à *Revista Brasil de Fato*, concedida em 2011 e redigida por Aline Scarso (*online*), para o lançamento do seu livro, Sérgio Vaz fala sobre sua intenção com o livro *Literatura, pão e poesia* (2011):

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ

É uma [expressão da minha] relação cotidiana com o meu bairro e com as pessoas que eu convivo. [A ideia é] levar um pouco de literatura, falando dessas pessoas, que eu conheço muito bem. É um livro da Global Editora, que faz parte da coleção Literatura Periférica. A ideia sempre foi escrever sobre meu cotidiano. Eu me considero um cronista do meu bairro. Então escrevo sobre o lugar onde vivo. Não acho que eu seja um escritor universal, escrevo sobre o que eu vejo na minha realidade (REVISTA BRASIL DE FATO, 2011, online).

Sobre o gênero e estilo de sua obra, Vaz faz um comentário que em uma primeira leitura poderia soar como pejorativo, mas se lido com atenção, notar-se-á que o autor apenas usa o linguajar que está acostumado a empregar em seu dia-a-dia, porém não deixa de destacar a importância e relevância de sua obra:

É, esse livro é uma mistura. São algumas coisas que eu escrevi em alguns jornais, algumas revistas, têm crônicas, poesias inéditas, contos. Eu quis arriscar um pouco nessa área de crônicas, contos. É um livro mais ousado. Para mim, ele é muito ousado (REVISTA BRASIL DE FATO, 2011, online).

Clarice Lispector, em sua obra *A hora da estrela* (1984), retrata a dificuldade de se escrever “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados (...)” (LISPECTOR, 1984, p. 25). Vaz fala também sobre essa dificuldade do fazer literário, mas para ele a dificuldade não está no estilo literário, mas sim pelas novas tecnologias utilizadas, pela distribuição, circulação, e da dificuldade de se formar leitores, pois vivemos em um país que não lê:

Eu acho que hoje o difícil é você escrever um livro. Com essa nova tecnologia [de impressão], você pode fazer menos livros numa gráfica. O difícil mesmo é a distribuição, a circulação. E é difícil quem leia também. Esse país não é um país de leitores e não só na periferia, mas na classe média e na classe alta. É um país que não lê. O grande desafio da Cooperifa é fazer a formação de público para a leitura (REVISTA BRASIL DE FATO, 2011, online).

Para dar ênfase e voz à periferia, Sérgio Vaz traz em uma das crônicas do livro, parte do significante “Manifesto da Antropofagia Periférica”, que é um grito a favor da liberdade, igualdade, contra o racismo, a intolerância, as injustiças sociais, etc. O autor quer fazer de sua arte, arma de combate:

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir à voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros [...] Contra o racismo, a



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala. Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala (VAZ, 2011, p. 50-51).

Outra crônica que chama a atenção do leitor acerca do estilo irônico e sarcástico do autor é a crônica intitulada “Sugestões poéticas”. Aqui o poeta utiliza páginas sobre o Novo Acordo Ortográfico, e se vale do tema para fazer uma crítica ao sistema do governo, voltado para a educação e corrupção que empobrece o país, prejudicando o desenvolvimento e trazendo a pobreza para a população em geral.

Usa o alfabeto, o trema, as novas regras de acentuação e outras e o hífen para construir a crônica e deixar um recado sarcástico ao governo e ao sistema:

O analfabeto completo passaria a ser aquele que sabe juntar as letras e não as junta, nem sequer ajudam os outros a juntarem. E o que é pior, muitos deles se jogam letrados [...] Não se usa o TREMA. Em hipótese alguma. Está decretado em todo lugar deste país que, diante de qualquer injustiça, covardia e falta de respeito com a população, a palavra de ordem seria: não TREMA! [...] 1. ESCOLA na periferia tem muitos assentos, de 40 a 45, quando o ideal é tirar 20 ou 25 [...] 2. PROFESSOR deixa de ser uma palavra para ser um sentimento, e zero à esquerda, como quer o governo, passaria a valer nota dez, e com mais zeros à direita. [...] 4. CRIANÇA passa a ser um verbo praticado sem miséria, descaso ou abandono. Com direito a casa, comida e cidadania (VAZ, 2011, p. 53-54).

Enfim, poderíamos escolher quaisquer das cinquenta e seis crônicas para materializar o estilo irônico, sarcástico, político e social de Vaz, mas também o seu olhar sensível, poético, de cronista atento ao seu povo, a sua gente e a sociedade de um modo geral.

O Posfácio é escrito pela jornalista, comentarista, Eliane Brum, que resgata a crônica “Oficina de poesia” (VAZ, 2011, p.161,183), a qual é construída a partir de um diálogo entre Vaz e um menino, no qual o autor responde um questionamento sobre, “O que é poesia”? Usando de maneira criativa e poética, criando um contexto plurissignificativo para as possíveis respostas, Vaz conduz o diálogo que acaba envolvendo outros, para uma linha de raciocínio maior, já que a poesia pode ser vista de muitas maneiras e de várias formas, sendo assim, fica quase impossível encontrar uma resposta pronta para tal pergunta. Em suas palavras, Brum afirma que o escritor tem o poder de “profanar a língua nas suas crônicas com talento para incluir nela um naco de mundo maior” (VAZ, 2011, p. 183).

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ

É sobre essa visão tão viva que nos conta este escritor que inscreve o Brasil no Brasil. 'Ora com um sorriso no rosto, ao com uma pedra na mão', Sergio Vaz bota seu 'polegar na história' – e na literatura (VAZ, 2011, p. 184).

Podemos considerar que essa nova vertente literária veio para ficar e marcar um novo tempo no meio literário e acadêmico, assim como o movimento que marcou o Modernismo Brasileiro, estamos diante de uma nova fase de concepção de modelo de Literatura Brasileira, que não desconsidera, em nenhum momento, os movimentos anteriores, mas que também não pode ser negada. Trata-se de uma arte de representação de uma grande parcela da população brasileira e da qual Vaz se revela não apenas como representante, mas também como seu idealizador, fomentador e seu guerreiro incansável. Deixemos os nossos olhos livres, as mentes sãs e os corações abertos a novos caminhos que ainda estão delineando o seu trajeto.

4 Uma leitura da obra: ideologia e literatura

A obra *Literatura, pão e poesia* (2011), de Sérgio Vaz, *corpus* de nossa pesquisa, apresenta uma capa bastante provocativa e enigmática, com a imagem de um punho serrado e de uma boca negra a beijá-lo, nos deixando a sensação de estarmos diante de uma ambiguidade de sentidos, pois ao mesmo tempo que esse punho cerrado pode demonstrar o espírito de luta, luta pela sobrevivência, luta por fazer a diferença, luta por um mundo mais justo e igualitário, também demonstra, que tudo isso é captado pelo olhar sensível e carregado de lirismo do cronista/poeta que, com sua palavra plurissignificativa, materializa uma luta ainda maior, mas fundamentada no amor e não na violência, que tem como arma a palavra.

Para construir suas crônicas, Vaz se utiliza da narração de fatos cotidianos, retratando as histórias reais ou fictícias de moradores da comunidade da qual faz parte, e embora a linguagem seja coloquial e simples, o autor faz uso do sentido poético da palavra para construir as imagens e seus efeitos de sentidos em cada texto, destacando o seu valor literário, pois, conforme Sá (2007), quando a crônica passa do jornal para o livro amplia-se a magicidade do texto, permitindo ao



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

leitor dialogar com o cronista de forma mais intensa, ambos, agora, cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura.

Nas narrativas em primeira pessoa, Sérgio Vaz utiliza seu estilo próprio de poeta, sem a preocupação se seu modelo de fazer literatura será aceito por aqueles que estão acostumados com os clássicos e os canônicos, pois sua forma de escrever tem, como um dos propósitos, relacionar o contexto em que vive, seus moradores, sua ideologia, marcados de forma indireta como forma de protestar, de dar, realmente, voz aos que ele representa.

Candido (1965) afirma que o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é, de certo modo, o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador, podendo ser comparado, em Vaz, como personagens da sua inspiração para a construção de suas obras, pois o mesmo público que o lê, participa, como personagem, desse textos.

Nossa leitura analítica se inicia com a crônica intitulada “A poesia dos deuses inferiores”. Nesse texto, Vaz se utiliza de títulos de obras e nomes de autores periféricos, encaixando-os em linhas a fim de construir uma história com sentido e que não somente formem frases. Trata-se de uma crônica pequena, mas que cumpre seu propósito de denúncia social:

A **Guerreira** em questão morava no topo da favela, lá onde **subindo a ladeira mora a noite**, e chegava do trabalho pelas dez. Um ônibus lotado, mas o que doía mesmo era **o trem**. Chegou em casa, e o suposto marido, **graduado em marginalidade**, já estava louco de cachimbo na **cidade de Deus** onde todos foram esquecidos, o nóia era conhecido como **coleccionador de pedras**. Um dia já foi trabalhador, mas... **Pensamentos vadios** são foda. [...] Dizem alguns vizinhos que ela deu várias letras, mais ou menos **85 letras e um disparo**. O barraco virou um **angu de sangue**, deu até no **Noticias Jugulares**: “morre noia que batia na mulher”. A vizinha que lia a manchete olhou para o dono da banca e disse: - A morte desse verme foi **um presente para o gueto** (VAZ, p. 41, 42, 43).

A crônica não se baseia em fatos reais, mas, segundo o autor, poderiam ter acontecido, porém não entrariam nas estatísticas, “De verdade, ninguém morreu, ninguém matou, por isso não vale como estatística para a Segurança Pública” (VAZ, 2011, p. 40). Podemos perceber dois personagens principais, a mulher representando ‘a guerreira’, ou seja, aquela que luta e não tem

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

reconhecimento nenhum, e também a figura do homem, que é um personagem tipo representando o morador da periferia viciado que não tem vontade nenhuma de mudar de vida, acomodado com a vida que leva, não acrescentando em nada na comunidade em que vive.

A crônica é construída de forma que seu final é previsível, assim, não surpreende o leitor, mas o faz refletir sobre o estilo de vida na comunidade e sobre o valor atribuído à vida humana, mesmo que seja de alguém que não tem nada a acrescentar.

Após a crônica “A poesia dos deuses inferiores”, o autor apresenta os dados bibliográficos que foram por ele utilizados, dessa forma, o leitor passa a conhecer ainda mais sobre outras obras e autores marginais, pois a forma grafada acima é a que aparece no texto e ao observarmos melhor, vemos que se tratam dos títulos de obras e nomes dos autores, conforme dito anteriormente.

A crônica denominada “Sugestões poéticas para o acordo ortográfico e outros acordos” expressa, de maneira poética, o que mudou ou deveria mudar na Língua Portuguesa e, por relação, na nossa sociedade. Vaz (2011) evidencia as variações diafásicas, históricas, diatópicas e diastráticas, alvo de bastante questionamento.

Transcrevemos a crônica e explanamos o sentido poético de cada passagem em que o autor demonstra sua crítica social e seus questionamentos. “Este acordo é meramente sugestivo, portanto restringe-se à língua que o povo fala nas ruas, não afetando nenhum aspecto da língua escrita” (VAZ, 2011, p. 53). Nessa frase, que marca o início da crônica, revela-se que o autor não se sente à vontade com as novas regras do acordo ortográfico, pois acredita que não fará muita diferença em relação ao modo que se fala, até porque nem todos os países lusófonos concordaram com as mudanças propostas, porém o acordo foi feito; no mesmo parágrafo aparece em parênteses “(a academia pode ficar tranquila)” (VAZ, 2011, p. 53); aqui, o questionamento é sobre os benefícios do acordo; só seriam aproveitados pelos apoiadores do acordo, beneficiaria uma parte e não um todo como foi propagado.



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

Ela não elimina, infelizmente, as diferenças e injustiças que, através da ortografia, são observadas nos países cujo idioma oficial é aquele que o povo não tem direito de aprender, mas é um passo em direção à pretendida unificação das ideias das pessoas que realmente amam este país (VAZ, 2011, p. 53).

Na parte final do primeiro parágrafo, Vaz (2011) direciona o foco principal da sua crítica, que seria mostrar que o mais favorecido de oportunidades se sobressai em relação aos menos favorecidos, e, às vezes usam deste conhecimento para agir de má fé com aqueles que confiaram neles. Não é a voz de um todo que prevalece e sim de quem tem o capital, também os interesses que regem a nossa realidade não são da população, mas sim de quem comanda o país. Os apontamentos feitos por Vaz (2011) começam nas corporações e vão se estreitando aos políticos.

No terceiro parágrafo, há a seguinte passagem: “sabe juntar as letras e não as junta, nem sequer ajuda os outros a juntarem. E o que é pior, muitos deles ainda se julgam letrados” (VAZ, 2011, p. 53). Neste ponto, a observação e crítica são para as pessoas que se julgam melhores que as demais devido ao fato de serem diplomadas, terem dinheiro e *status*.

Na seção do “Trema”, na página seguinte, faz uma crítica acentuada à falta de punição adequada para certos delitos, isso faz com que sempre ocorram novos crimes, o que culmina em um vício por parte de quem comete.

Não se usa mais o TREMA. Em hipótese alguma.

Está decretado em todo lugar deste país que, diante de qualquer injustiça, covardia e falta de respeito com a população, a palavra de ordem seria: não TREMA!

Exemplo:

Como era: aguentar

Como fica: bateu, levou.

*Atenção: o trema aparece apenas nas palavras estrangeiras e no passado sombrio da ditadura. (VAZ, 2011, p.54)

Na seção denominada “Mudanças nas regras de acentuação e outras regras”, Vaz (2011) engloba os seguintes assuntos: escola, professor, educação e criança; as críticas são voltadas para as super lotações nas classes escolares, falta de estrutura nas salas, falta de materiais, professores sobrecarregados devido à extensa jornada de trabalho; baixo salário; o não reconhecimento do trabalho

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

docente faz que com eles se tornem desmotivados a fazerem seu trabalho; os desvios do dinheiro público destinado à educação. Outra observação é da criança “abandonada” sem apoio familiar ou com famílias desestruturadas.

Em uma passagem, o autor menciona:

E todas as crianças, sem nenhuma exceção, têm o direito de usar os assentos da mesa para comer o objeto direto, nesse caso a comida digna, com direito à sobremesa, e tanto faz se for geleia com acento ou sem acento. E caso alguma autoridade contestasse, que o povo nas ruas lhe tirasse o assento. Sem acento no dó nem piedade (VAZ, 2011, p.55).

Aqui Vaz mostra a preocupação com a criança, pois a criança é o futuro do mundo, ela tem que ser bem cuidada para, no amanhã, saber eleger pessoas decentes e conhecer seus direitos, saber brigar por suas lutas, manejar as armas corretas.

Ainda na mesma seção, o autor une temas sobre emprego, corrupção e “sujeito”; Vaz (2011) faz uma analogia ao sentido da palavra, referenciando tanto o sujeito como ser humano, quanto como expressão gramatical, na qual evidencia os problemas sociais; o sujeito seria o trabalhador que sofre com desemprego e com a corrupção que faz com que aumente os valores dos produtos, fazendo subir o custo de vida: “...o emprego não pode estar mais ligado à palavra escravidão...” (VAZ, 2011, p.55), ou seja, devido ao desemprego e/ou falta de conhecimento do trabalhador, faz com que acabe aceitando a exploração do empregador, pois tem família a sustentar e/ou não conhece seus direitos trabalhistas.

Dando sequência, no parágrafo seguinte, ele elucida as palavras amizade, bondade, coragem, caráter e amor, que, segundo Vaz (2011), é o que mais falta na relação humana, estamos muito materialistas e menos afetuosos, falta afeto pelo próximo, o altruísmo está em falta, não somente no Brasil, essa falta de compaixão transcende o nosso país. “Pobreza nem com Z, nem de espírito.” (VAZ, 2011, p.56) reforçando a ideia anterior.

“Ficam banidas as palavras “toxítonas” que servem apenas para o privilégio de poucas pessoas, que acham todas as outras “para-oxítonas”” (VAZ, 2011, p.56) usando essa passagem junto às palavras arrogância e violência, mostrando que estamos em um momento em que a violência está gratuita, mais



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

diálogo, menos ofensa; é preciso se colocar no lugar do outro antes de julgar, de intoxicar o próximo, fazendo referência ao jogo com a palavra “toxítonas”, Vaz (2011) faz uma espécie de neologismo juntado oxítonas e tóxicas.

Uma questão que Vaz (2011) trata desde o início da crônica, é a arrogância, em relação ao tratamento com o próximo, reforçando ao final do texto.

Finalizando a crônica, Vaz (2011) cria a seção “Uso do hífen” na qual enfatiza os poderes do ser humano e faz uma comparação dizendo que o Super-homem na verdade é super bobo. Aqueles que têm uma vida corrida e conseguem dar conta de todos os seus afazeres sem poderes especiais são os verdadeiros super-homens.

Por último, destacamos a crônica “Literatura, pão e poesia”, que não apenas nomeia a obra de Sérgio Vaz, como também retrata, mais uma vez, o preconceito, mas agora o autor volta sua crítica ao preconceito literário vindo das classes mais favorecidas. Vaz inicia a crônica dizendo que o movimento literário na periferia não dá trégua, e está cada vez mais intenso, pois a cada dia chegam mais livros, mais escritores e, por consequência, cada dia há mais leitores.

A literatura na periferia não tem descanso, a cada dia chegam mais livros.
A cada dia chegam mais escritores e, por consequência disso, mais leitores.
[...] Só os surdos não querem ouvir o coração deste povo lindo e inteligente zabumbando de amor pela poesia (VAZ, 2011, p. 46).

Esse movimento periférico não vem apenas sendo notado, mas também tem incomodado os defensores dos cânones literários, e o autor deixa claro que apenas aqueles que não querem ver é que não observam esse crescimento, apenas os que não querem ouvir é que não ouvem e os mudos não se manifestam.

É uma crônica carregada de figuras de linguagem como a ironia a fim de mostrar o quanto a periferia está contaminada e o quanto a literatura, nesse ambiente, é bem recebida, ganhando também uma roupagem nova com características do povo periférico. Vaz humaniza e personifica a literatura e atribui à poesia predicados femininos, que a tornam sensível e a aproximam das pessoas.

Mas o que quero falar mesmo é da poesia que espalhou feito um vírus no cérebro dos homens e mulheres da periferia. Pois é, essa mesma poesia que há tempos era tratada como uma dama pelos intelectuais hoje vive se

A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ

esfregando pelos cantos dos subúrbios à procura de novas emoções (VAZ, 2011, p. 46).

Não é apenas a poesia que o autor personifica, ele atribui características humanas ao poema também, tratando-o como a figura masculina e diz que ele desfilava, na Academia Brasileira de Letras, de terno e gravata, pronunciando palavras de alto calão para plateias desanimadas e que, sem camisa, hoje, caminha à vontade e cheio de vida pelas vielas da periferia feito moleque.

Sérgio Vaz cita, nessa crônica, a poesia concreta de forma metafórica, dizendo que os moradores estão utilizando-a para a construção de bibliotecas, tornando-se tão forte e resistente que por mais que as críticas tentem não a derrubarão, pois essa já se adaptou ao meio em que está situado no momento.

Vocês, por acaso, já ouviram falar do tal poema concreto? Pois é, os trabalhadores e desempregados estão construindo bibliotecas com eles, nas favelas. E o Lobo Mau pode assoprar que não derruba. Apesar da pouca roupa que lhe deram, está se sentindo todo importante com sua nova utilidade (VAZ, 2011, p. 47).

No fragmento acima, o autor destaca, ainda, a figura do lobo mau grafado em letras maiúsculas e, podemos inferir, em um diálogo com o conto “Os três porquinhos”, a imagem da literatura canônica em oposição à literatura periférica aqui representada por um poema concreto, mas que, neste contexto, ganha o sentido de materializado, concretamente construído.

Com o objetivo de relatar o quanto os moradores da periferia têm evoluído intelectualmente, o autor faz uso da metáfora, para mostrar que a literatura faz parte do dia-a-dia dos moradores da periferia, Vaz constrói a crônica de forma extremamente irônica, estabelecendo sentidos opostos com a imagem que normalmente se faz dos moradores da periferia:

A periferia nunca esteve tão violenta: pelas manhãs, é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até quatrocentas páginas. Jovens traficando contos, adultos, romances. Os mais desesperados, cheirando crônicas sem parar. Outro dia um cara enrolou um soneto bem na rente da minha filha. Dei-lhe um acróstico bem forte na cara. Ficou com a rima quebrada por uma semana (VAZ, 2011, p. 47).

A figura da criança também ganha espaço nesta crônica, “a criança está muito louca de história infantil. Umas já estão tão viciadas, e, apesar de tudo e de todos, querem ir para as universidades” (VAZ, 2011, p. 47). Nessa passagem, as



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

crianças agora sonham com um futuro, e, não apenas sonham, mas acreditam que esse é um fato possível de realização, pois o saber lhes possibilita essa concretização. Vaz afirma que o fato de a literatura ter demorado tanto para chegar até eles, os deixaram famintos e ansiosos por conhecimento, e, agora, eles querem absorver tudo de uma só vez, inclusive sonhando com a possibilidade de frequentar os bancos universitários, sonho este, até há pouco tempo distante deles e, o desejo de chegar à universidade nos permite perceber que a literatura, o conhecimento, a arte e o estudo diminuem a distância entre as diferenças sociais; portanto, afirmamos uma vez mais que este movimento não pode ser pensado apenas do ponto de vista literário, mas também social, como o autor deixa claro desde o início.

Nos últimos parágrafos da crônica em questão, Vaz reconhece que a crítica ainda tem dificuldades em aceitar o valor literário da Literatura Marginal do século XXI, e que se sentem incomodados com esse movimento que ganha cada vez mais espaço no ambiente literário e acadêmico; o autor finaliza dizendo que a Literatura Marginal do século XXI não é *Alice no país das maravilhas*, mas também não é o “Inferno de Dante” é apenas a poesia promovendo milagres.

Dizem por aí que alguns sábios não estão gostando nada de ver a palavra bonita beijando gente feia.

Mas neste país de pele e osso, quem é o sábio? Quem é o feio? E olha que a gente nem queria o café da manhã, só um pedaço de pão. Que comam brioques! (VAZ, 2011, p. 47).

É possível perceber, na citação acima, uma referência à capa que já fora comentada no início deste capítulo, pois infere-se que a palavra bonita poderia ser a representação da literatura canônica com a qual a literatura periférica ainda tem que lutar, daí o punho cerrado, mas há também, e felizmente, aqueles que apreciam “a gente feia” e oferecem o beijo sensível.

Conforme dito, esta crônica dá título à obra e chegando ao final deste capítulo, dizemos que a crônica escrita em 2007 pode ser lida também como uma espécie de “manifesto”, pois nela o autor explica, de forma figurativa e poética, o movimento que vem tomando conta da periferia e esclarece que esse povo simples tem fome e sede também na alma, no espírito, no coração; tem fome e sede de pão, mas também de literatura e poesia, o pão da alma.

5 Considerações finais

Chegando ao final desta pesquisa, acreditamos ter cumprido com o objetivo proposto: apresentar, por meio de uma leitura interpretativa, quais os efeitos de sentido revelados pelo discurso do movimento denominado como Literatura Marginal do século XXI, materializado na obra *Literatura, pão e poesia* (2011), de Sérgio Vaz. No entanto, mais do que porta-voz dos excluídos, o escritor marginal busca, também, levar a cultura para as classes subalternas oferecendo a possibilidade de alargamento de horizontes.

Considerando as reflexões de Antonio Candido (2000), dizemos que nas sociedades em que existe algum esforço de combate às desigualdades sociais e econômicas, a fruição da arte e da literatura assume um caráter duplamente importante no que diz respeito à promoção dos direitos humanos. Primeiramente, por conta do caráter humanizador da literatura enquanto construção catalisadora de emoções, conhecimento, valores, mensagens éticas e políticas, e que se faz, portanto, um direito fundamental, tal como a alimentação, a moradia, a liberdade individual, a saúde, etc. Depois, por causa do papel social que determinadas obras literárias assumem ao denunciar, em termos esteticamente válidos, situações de miséria, exploração econômica e marginalidade social, inserindo seus autores como figurantes da luta contra a negação ou restrição dos direitos.

Sérgio Vaz e o grupo de autores da Literatura Marginal do século XXI, juntamente com os moradores da periferia, assumem um importante e, bonito papel, dentro do contexto da Literatura Brasileira, o de promoverem a possibilidade do sonho, da crença, da esperança de que é possível fazer a diferença, quando se deseja diferente.

Estudar a obra, além de ampliar nossos horizontes, nos fez refletir sobre novas ideias e nos despiu dos preconceitos linguísticos, literários e principalmente, sociais. Esse novo movimento veio para ficar e merece ser reconhecido, ganhando ainda mais espaço acadêmico. Fica, então, o convite, pois: “Arte não se explica. Ou você entende, ou se identifica” (VAZ, 2011, p.69).

[Digite texto]



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

Referências

Brasil de Fato. Literatura, pão e poesia. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/node/7186/>>. Acesso em 10 abr. 2017.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. São Paulo, 24. ed., p. 803-809, set. 1972.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

_____ et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 7 ed. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984.

COLECIONADOR de pedras. Disponível em: <<http://coleccionadordepedras1.blogspot.com.br/2011/07/poeta-sergio-vaz-sera-o-tema-do-enredo.html>>. Acesso em: 9 abr. 2017

DIÁRIO da região. Sérgio Vaz: o 'Vira-lata' da literatura. Disponível em: <<http://www.diariodaregiao.com.br/cultura/s%C3%A9rgio-vaz-o-vira-lata-daliteratura-1.57083>>. Acesso em: 7 set. 2017.

GUIMARÃES, Terena Thomassim. O popular em foco: literatura marginal ou periférica. Tese de mestrado. *Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – 2014*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Literatura Marginal*. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/>>. Acesso em: 8 de abr. de 2017.

LEONARDI, Sandra Eleine Romais. *A literatura marginal-periférica e sua inserção no ensino médio*. Tese de mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2016. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2016/d2016_Sandra%20Eleine%20Romais%20Leonardi.pdf>. Acesso em: 7 set. 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 25.

LITERATURA marginal. Biografia. Disponível em: <<http://literaturaperiferia.blogspot.com.br/2014/10/biografia-sergio-vaz.html>>. Acesso em: 9 abr. 2017.

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

MIRANDA, Waldilene Silva. *Literatura marginal: representações da linguagem e (re)significação do imaginário coletivo*. Juiz de Fora. p.1-22. Mai. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/08/Literatura-marginal-representa%C3%A7%C3%A3o-da-linguagem-e-resignifica%C3%A7%C3%A3o-do-imagin%C3%A1rio-coletivo.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

_____.; RIBEIRO, Gilvan Procópio. *Intelectuais “da periferia” : uma análise das performances de Ferréz*, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 41-55, jul./dez. 2011. Edição Especial. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/8-Intelectuais.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2017.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. 2006, 211 f. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Rejane P. de. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*. Juiz de Fora: Ipotesi, v.15, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2017.

PROGRAMA para a Valorização de Iniciativas Culturais – VAI Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/index.php?p=7276>> .Acesso em: 13 ago.2017.

PROGRAMA de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/cidadania_cultural/index.php?p=20403> . Acesso em: 13 ago. 2017

POLIFONIA periférica. Sérgio Vaz e o seu “*Literatura, pão e poesia*”, um livro de sobrevivência. Disponível em: <<http://www.polifoniaperiferica.com.br/2012/02/sergio-vaz-e-o-seu-literatura-pao-e-poesia-um-livro-de-sobrevivencia/>>. Acesso em: 7 set. 2017.

REDE Brasil Atual. Arte que sangra; 'Para nós, a periferia é um país', diz poeta Sérgio Vaz. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2016/08/2018e-hora-da-caca-contar-um-pouco-da-historia2019-diz-sergio-vaz-sobre-cultura-na-periferia-934.html>>. Acesso em 13 ago. 2017.

_____. 'Para nós, a periferia é um país', diz poeta Sérgio Vaz. Disponível em : <<http://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2016/08/2018e-hora-da-caca-contar-um-pouco-da-historia2019-diz-sergio-vaz-sobre-cultura-na-periferia-934.html>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

REVISTA iG. Sergio Vaz e Ferréz motivam jovens com poesia nas ruas do Capão Redondo. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2014-08-16/sergio->

[Digite texto]



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

vaz-e-ferrez-motivam-jovens-com-poesia-nas-ruas-do-capao-redondo.html>. Acesso em: 9 mar. 2017.

ROSITO, Valéria. *Que eu é esse?*- prosa e verso do milagre ao mercado. Londrina, v. 9, p. 273-290, jun. 2012. ISSN 1983-1048. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25699>. Acesso em: 5 mar. 2017.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2007.

SANTOS, Elizângela Maria dos. *A marginalidade na performática literatura contemporânea*. Anais do II Seminário Nacional Literatura e Cultura, v. 2, São Cristóvão: GELIC, 2010. ISSN 2175-4128. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/santos-elizangela-maria-dos-a-marginalidade-na-performatica-literatura.html>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 8 ed. Coimbra: Edições Almeida, 2006.

TOLEDO, Débora. *Literatura Marginal*. Disponível em: <<http://literaturaperiferia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

VAZ, Sergio. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2011.

_____. *Colecionador de pedras*. 2011. Disponível em: <<http://coleccionadordepedras1.blogspot.com.br/2011/07/poeta-sergio-vaz-sera-o-tema-do-enredo.html>>. Acesso em: 9 abr. 2017

_____. *Flores de alvenaria*. São Paulo: Global, 2016.

_____. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

A poesia dos deuses inferiores

(Fevereiro/ 2008)

A **Guerreira** em questão morava no topo da favela, lá onde **subindo a ladeira morava a noite**, e chegava do trabalho pelas dez. Um ônibus lotado, mas o que doía mesmo era o **trem**.

Chegou em casa, e o suposto marido, **graduado em marginalidade**, já estava louco de cachimbo na **cidade de Deus** onde todos foram esquecidos, o noia era conhecido como **coleccionador de pedras**.

Um dia já foi trabalhador, mas... **Pensamentos vazios** são foda.

Elizandra já não suportava mais essa vida, mas não se sabia por que vivia pelo **vão** da felicidade, enquanto o desgraçado do **Ademiro** vivia na **fortaleza da desilusão**. E assim viviam **a vida que ninguém vê**.

No sábado, hoje é quinta, ela vai matar o desgraçado, só que ela ainda não sabe, nem ele, por isso seguia **sobrevivendo no inferno** no seu **castelo de madeira, noite adentro**, planejando o assassinato.

Pronto, já é sábado – resolvi cortar a sexta-feira e partir direto para os acontecimentos.

Quando **Elizandra** chegou, moída do trabalho, encontrou novamente o traste bem louco na cadeira no canto da cozinha.

A casa estava imunda, um quarto de despejo. Foi a gota d'água.

Ela o matou com o tiro bem no meio da cabeça.

Foi assim:

Há alguns dias ela tinha conseguido um revólver emprestado de um admirador, que não via a hora de o noia se mudar do **Capão Pecado** para ele logo se entocar na goma do malandro.

A **Guerreira** já chegou decidida, o zoio estava pegando fogo, vixe, ela era o próprio **manual prático do ódio**.

Chegou no barraco **às cegas**, mas qualquer um podia sentir **o rastilho de pólvora** que ela trazia no olhar.

[Digite texto]



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

Estava ali, **de passagem, mas não a passeio**, e pensando que deve ficar **cada tridente em seu lugar**, ou seja, ela feliz, ele a caminho do inferno.

Já podia vê-lo no cemitério no buraco do terraço, tipo **desenho do chão**.

Ela o chamou pelo nome:

- **Ademiro**, vou te dar uma letra.

Ele olhou para ela e para o cano do cano do **brinquedo assassino** que ela trazia nas mãos.

- Eita porra, que porra é essa?

- Acabou!

Disse mais um monte de coisa e gastou toda a sua **gramática da ira** contra o aspirante a defunto.

Dizem alguns vizinhos que ela deu várias letra, mais ou menos **85 letras e um disparo**.

O barraco virou um **angu de sangue**, deu até no **Notícias Jugulares**: “Morre noia que batia na mulher”.

A vizinha, que lia a manchete, olhou para o dono da banca e disse:

- A morte desse verme foi **um presente para o gueto**.

Dados bibliográficos:

Guerreira, O trem: **Alessandro Buzo**

Subindo a ladeira mora a noite, Pensamentos vadio, Colecionador de pedras:

Sérgio Vaz

Graduado em marginalidade, 85 letras e um díspar, Ademiro: **Ademiro Alves,**

Sacolinha

Cidade de Deus: **Paulo Lis**

Às cegas: **Luiz Alberto Mendes**

Vão: **Allan da Rosa**

Fortaleza da desilusão, Capão pecado, Manual prático do ódio: **Ferréz**

A vida que ninguém vê: **Eliane Brum**

Sobrevivendo no inferno: **Racionais MC`s**



**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

“Castelo de madeira”, “Brinquedo assassino”: **A família**

Noite a entro: **Robson Canto**

Elizandra Mijiba

Quarto de despejo: **Carolina de Jesus**

De passagem, mas não a passeio: **Dinha**

O rastilho da pólvora: **Antologia do sarau da Cooperifa**

Cada tridente em seu lugar: **Cidinha da Silva**

Desenho do chão: **Silvio Diogo**

Gramática da ira: **Nelson Maca**

Angu de sangue: **Marcelino Freire**

Notícias Jugulares: **Dugueto Shabazz**

Um presente para o gueto: **Fuzzil**



ANEXO II

Literatura, pão e poesia

(Julho/ 2007)

A literatura na periferia não tem descanso, a cada dia chegam mais livros.

A cada dia chegam mais escritores e, por consequência disso, mais leitores. Só os cegos não querem enxergar este movimento que cresce a olho nu, neste início de século. Só os surdos não querem ouvir o coração deste povo lindo e inteligente zabumbando de amor pela poesia. Só os mudos, sempre eles, não dizem nada. Esses costumam a acreditar.

Não quero nem falar dos saraus que estão acontecendo, aos montes, pelas quebradas de São Paulo. Isto me tomaria muito tempo, haja vista as dezenas de encontros literários, pipocando nas noites paulistanas. Cada qual do seu jeito, cada qual com seu tema, cada qual à sua maneira de cortejar as palavras.

Mas o que eu quero falar mesmo é da poesia que se espalhou feito um vírus no cérebro dos homens e mulheres da periferia. Pois é, essa mesma poesia que a tempos era tratada como uma dama pelos intelectuais hoje vive se esfregando pelos cantos dos subúrbios à procura de novas emoções.

O tal poema, que desfilava pela academia, de terno e gravata, proferindo palavras de alto calão para plateias desanimadas, hoje, anda sem camisa, feito moleque pelos terreiros, comendo miudinho na mão da mulherada.

Vocês, por acaso, já ouviram falar do tal poema concreto? Pois é, os trabalhadores e desempregados estão construindo bibliotecas com eles, nas favelas. E o Lobo Mau pode assoprar que não derruba. Apesar da pouca roupa que lhe deram, está se sentindo todo importante com sua nova utilidade.

A periferia nunca esteve tão violenta: pelas manhãs, é comum ver, nos ônibus, homens e mulheres segurando armas de até quatrocentas paginas. Jovens traficando contos, adultos, romances. Os mais desesperados, cheirando

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA MARGINAL DO SÉCULO XXI EM
LITERATURA, PÃO E POESIA, DE SÉRGIO VAZ**

crônicas sem parar. Outro dia um cara enrolou um soneto bem na frente da minha filha. Dei-lhe um acrostico bem forte na cara. Ficou com a rima quebrada por uma semana.

A criançada está muito louca de história infantil. Umas já estão tão viciadas, e, apesar de tudo e de todos, querem ir para as universidades. Viu, quem mandou esconder ela da gente, agora a gente quer tudo de uma vez!

Dizem por aí que alguns sábios não estão gostando nada de ver a palavra bonita beijando gente feia.

Mas neste país de pele e osso, quem é o sábio? Quem é o feio? E olha que a gente nem queria o café da manhã, só um pedaço de pão. Que comam brioques!

Não, não é *Alice no país das maravilhas*, mas também não é o inferno de Dante.

É só o milagre da poesia.



ANEXO III

Sugestões poéticas para o acordo ortográfico e outros acordos³

(Janeiro/ 2009)

Este acordo é meramente sugestivo, portanto restringe-se à língua que o povo fala nas ruas, não afetando nenhum aspecto da língua escrita (a academia pode ficar tranquila). Ela não elimina, infelizmente, as diferenças e injustiças que, através da ortografia, são observadas nos países cujo idioma oficial é aquele que o povo não tem direito de aprender, mas é um passo em direção à pretendida unificação das ideias das pessoas que realmente amam este país.

O alfabeto passa a ter 26 letras. Foram reintroduzidas as letras k, w e y.

O analfabeto completo passaria a ser aquele que sabe juntar as letras e não junta, e sequer ajuda os outros juntarem. E o que é pior, muitos deles ainda se julgam letrados.

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

*Vale também o improvisado.

TREMA

Não se usa mais o TREMA. Em hipótese alguma.

Está decretado em todo lugar deste país, que diante de qualquer injustiça, covardia e falta de respeito com a população, a palavra de ordem seria: não TREMA!

Exemplo:

Como era: aguentar

Como fica: Bateu levou.

*Atenção: o Trema aparece apenas nas palavras estrangeiras e no passado sombrio da ditadura.

³ Aprecie com moderação

MUDANÇAS NAS REGRAS DE ACENTUAÇÃO E OUTRAS REGRAS.

1. ESCOLA na periferia tem muito assento, de 40 a 45, quando o ideal é tirar 20 ou 25.

E para compensar, um aumento no número de assentos nas universidades públicas do país.

2. PROFESSOR deixa de ser uma palavra para ser um sentimento, e de zero à esquerda, como quer o governo, passaria a valer nota dez, e com mais zeros à direita.

3. EDUCAÇÃO passa a ser uma equação matemática com investimento ao cubo (ex: $2+2=5$), sem pedagogia com raiz quadrada. Exemplo: Criança + escola de qualidade = nação com futuro.

4. CRIANÇA passa a ser um verbo praticado sem miséria, descaso ou abandono. Com direito a casa, comida e cidadania.

A Criança passa a ser uma superproparoxítone com assentos em todas as etapas de sua vida. E todas as crianças, sem nenhuma exceção, têm o direito de usar os assentos da mesa para comer o objeto direto, nesse caso a comida digna, com direito à sobremesa, e tanto faz de for geleia com acento ou sem acento. E caso alguma autoridade contestasse, que o povo nas ruas lhe tirassem o assento. Sem acento no Dó, nem piedade.

5. A palavra DESEMPREGO não pode mais ser pronunciada nas portas das fábricas, e o EMPREGO não pode mais estar ligado à palavra escravidão, para que os homens e as mulheres não sejam escravos dos ditongos cujos do poder, e para que os trabalhadores e trabalhadoras não andem mais naquela tanga danada, em que vivem atualmente os assalariados dos subúrbios brasileiros.

*Outra coisa, as palavras “não”, “há” e “vagas”, jamais poderão ser escritas juntas.

6. CORRUPÇÃO deixa de ser apenas uma palavra com 9 letras para ser um crime, punido com 90 anos de prisão.

7. O SUJEITO decente não pode, nem deve ser prejudicado. Para que isso se confirme, a justiça, que é cega, ficaria terminantemente proibida de fazer transplante de córneas.

[Digite texto]



SILVA, D. C.; BIAGI, G.S.F.; CAMPOS, J. F.V.; IVAN, M. EL. S.

8. As palavras Amizade, Bondade, Coragem, Caráter e Amor, devem ser suprimidas do dicionário e escritas pelos nossos corpos, como uma segunda pele, para que o suor dignifique-as toda vez que a gente as pronunciar.

9. Pobreza nem com Z, nem de espírito.

10. Ficam banidas as palavras Toxítonas que servem apenas para o privilégio de poucas pessoas, que acham todas as outras "Para-oxítonas".

11. Arrogância e Violência deveriam ter dois "esses", que era para identificar o imbecil que as praticassem.

USO DO HÍFEN.

O Super-Homem é um superbobo. O Ser Humano passa a ter mais poderes.

As demais palavras devem ser consultadas com mais seriedade no guia prático da nova ortografia.